e-book

PERSONAGENS HITÓRICAS
BICENTENÁRIO
CADERNO I

SAGRES
POLÍTICA E GESTÃO ESTRATÉGICA APLICADAS

INSTITUTO
SAGRES

Copyright © SAGRES. 2022. Todos os direitos reservados

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos,
desde que citada a fonte.

Organizadores
Coordenação Geral: General Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva
Professora Maria Verônica Korilio Campos

www.sagres.org.br

Sagres, Instituto

PROGRAMA BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA
PERSONAGENS DA HISTÓRIA DO BRASIL - CADERNO I

64 p.

SAGRES – Políticas e Gestão Estratégica Aplicadas

1. Apresentação. 2. Personagens do Caderno I. 3. Biografias dos Personagens.

Projeto e Designer Gráfico:
ONIX BRASIL CREATIVE DESIGN
61 9.9114-6459 onixbrasil.net

PERSONAGENS HISTÓRICAS
BICENTENÁRIO

INTRODUÇÃO

No prosseguimento do Programa Bicentenário da Independência, o Instituto Sagres apresenta o CADERNO I, digital, com extratos de biografias de personagens que tiveram participação significativa nos **200 Anos de Independência**, em diversas áreas da vida nacional.

O Instituto optou por selecionar homens e mulheres que, embora menos divulgados, contribuíram para enriquecer a nossa História, alguns até mesmo antes do **7 de Setembro de 1822**, haja vista terem construído um legado ainda hoje presente.

O CADERNO I marca o início de uma série de publicações que se seguirão.

Para tanto, convidamos os membros e colaboradores do Instituto para elaborarem os futuros exemplares digitais. Os personagens das futuras publicações serão selecionados em conjunto com a Coordenação do Programa Bicentenário da Independência, a ser absorvido pelo Programa Civismo, já existente.

Os organizadores do CADERNO I conclamam todos apara divulgar esse produto aos seus contatos.

Uma boa leitura.

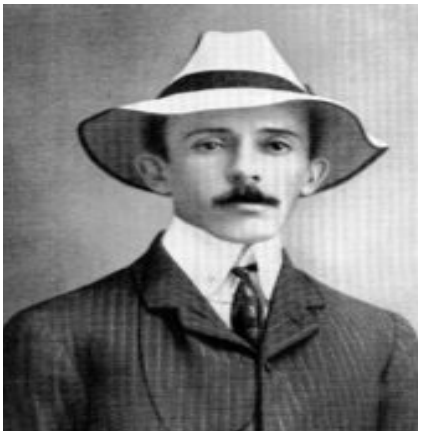
INSTITUTO SAGRES

PERSONAGENS HISTÓRICAS
PROGRAMA BICENTENÁRIO
CADERNO I

Sumário

5 ALBERTO SANTOS DUMONT
9 CARLOS CHAGAS
11 CASTRO ALVES
13 CÉSAR LATTES
16 CHIQUINHA BARBOSA
19 GUSTAVO CAPANEMA
21 HEITOR GURGULINO DE SOUZA
23 IMPERATRIZ LEOPOLDINA
26 IRINEU EVANGELISTA DE SOUSAVISCONDE DE MAUÁ
29 IRMÃOS ANTÔNIO E ANDRÉ REBOUÇAS REBOUÇAS
31 IRMÃOS VILLAS BÔAS
33 JOAQUIM GONÇALVES LEDO
35 JOSÉ BONIFÁCIO RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO E SILVA
38 JOSÉ DE ANCHIETA – O Apóstolo do Brasil
40 JOSÉ EPHIM MINDLIN
42 JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS – Visconde do Rio Branco
44 JOSÉ PLÁCIDO DE CASTRO
47 MARIA ESTHER BUENO
49 MARIA QUITÉRIA
51 MARTIM AFONSO DE SOUZA
54 OLAVO BRÁS MARTINS DOS GUIMARÃES BILAC
56 RACHEL DE QUEIROZ
58 SÍLVIO VASCONCELOS DA SILVEIRA RAMOS ROMERO
60 TOBIAS BARRETO DE MENEZES
62 ZILDA ARNS NEUMANN

ALBERTO SANTOS DUMONT



Foi aeronauta, esportista, autodidata e inventor, que projetou, construiu e voou os primeiros balões dirigíveis com motor a gasolina.

Nascimento: 20/07/1873, Santos Dumont (MG)
Falecimento: 23/07/1932, Guarujá (SP)
Pais: Henrique Dumont e Francisca de Paula Santos
Prêmios: Ordem Nacional da Legião de Honra
Fonte: Wikipédia

BIOGRAFIA DE SANTOS DUMONT[1] (Extrato)

Dilva Frazão Biblioteconomista (UFPE) e Professora do Ensino Fundamental

Santos Dumont [é] conhecido como "O pai da aviação". Foi o primeiro a projetar e construir um balão dirigível que decolou, contornou a Torre Eiffel e aterrizou valendo-se somente da força de um motor a gasolina.

A consagração de Santos Dumont veio com o 14 Bis, aparelho mais pesado que o ar, que decolou sem ajuda dos ventos, com um motor de 50 cavalos de potência e pousou na presença dos membros do Aeroclube da França.

O título de Santos Dumont é disputado por outros, entre eles, os irmãos Wright, porém seus voos foram realizados sem testemunhas.

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Santos Dumont nasceu em João Gomes, hoje, cidade que leva o nome de Santos Dumont (MG), no dia 20 de julho de 1873.

Seu pai era um engenheiro francês e importante plantador de café em São Paulo. Sua mãe era filha do comendador e industrial Francisco de Paula Santos. Seu avô, François Dumont, joalheiro francês, veio para o Brasil em meados do século XIX e escolheu Diamantina para morar.

Aprendeu a ler com sua irmã Virgínia. Estudou no Colégio Culto à Ciência, em Campinas, no Instituto dos Irmãos Kopke e no Colégio Morethzon, no Rio de Janeiro.

Desde criança, sonhava criar um aparelho que permitisse o homem voar controlando seu próprio curso. [-] Projetava máquinas e construía pequenos balões de ar.

Em 1892, após seu pai adoecer e adiantar parte da herança aos filhos, Dumont mudou-se para Paris e começou a construir suas próprias aeronaves. Fez contato com baloeiros, como Albert Chapin, que viria a ser o mecânico de seus inventos. Em Paris, se aprofundou nos estudos, principalmente em mecânica e no motor de combustão.

1 https://www.ebiografia.com/santos_dumont/

PRIMEIROS BALÕES

Em 1898, Santos Dumont construiu, em Paris, seu primeiro invento, um balão cilíndrico, inflado a hidrogênio, que denominou "Brasil". Com apenas 15 kg, no dia 4/07/1898, o balão ganhou altura, mas preso em uma corda, dependia do vento para se movimentar.

Com um segundo balão, o "Amérique", Dumont venceu uma competição no Aeroclube da França, na qual tomaram parte mais de 11 competidores, permanecendo no ar por mais de 23 horas. A dirigibilidade era o que realmente interessava a Santos Dumont e continuou pesquisando.

BALÕES DIRIGÍVEIS

Em 1898, Santos Dumont iniciou a construção de uma série de balões cilíndricos, motorizados, chamados de "Charutos voadores". O balão n.º 1, foi o primeiro deles. No dia 20 de setembro de 1898, sob o comando do inventor, o balão, ainda preso em uma corda, subiu aos céus, chegando à altura de 400 metros e retornando ao mesmo ponto de partida.

No dia 11 de maio de 1899, Dumont testou o balão n.º 2, que realizou manobras simples, mas com uma forte chuva o balão ficou pesado e terminou preso em algumas árvores.

No balão n.º 3, Dumont instalou um motor a gasolina, procurando solucionar o problema da dirigibilidade das aeronaves mais leves que o ar.

Com o balão n.º 4, concluído em agosto de 1900, Dumont realizou diversos voos, mas ainda não tinha o controle total da aeronave.

O dirigível o balão n.º 5 culminou em acidente que quase lhe tirou a vida.

DIRIGÍVEL Nº 6 - PRÊMIO DEUTSCH

Com o objetivo de incentivar o desenvolvimento de motores a gasolina, o magnata do petróleo Émile Deutsch instituiu o Prêmio Deutsch para condecorar quem criasse a primeira aeronave dirigível. Como demonstração, a aeronave deveria circundar a Torre Eiffel, saindo do Parque Saint-Cloud, e voltar ao ponto de partida em 30 minutos, demonstrando a dirigibilidade do balão.

No dia 19 de outubro de 1901, com o balão n.º 6, com 33 metros de comprimento, 6 metros de diâmetro e equipado com um motor de 16 HP, às 14 horas e 42 minutos, Santos Dumont iniciou a jornada de 11 quilômetros.

Balão n.º 6 (volta à Torre Eiffel)

Com uma velocidade média de 22 quilômetros por hora e a 300 metros de altura, o dirigível fez o percurso e retornou ao ponto de partida em 29 minutos e 30 segundos, tendo como testemunhas cerca de 30 mil pessoas entre elas os membros da comissão do Aeroclube.

O feito foi notícia em todo o mundo e Santos Dumont virou celebridade global. Faturando o cobiçado prêmio de 100 mil francos, o inventor doou parte da recompensa a sua equipe e destinou outra parte para a caridade.

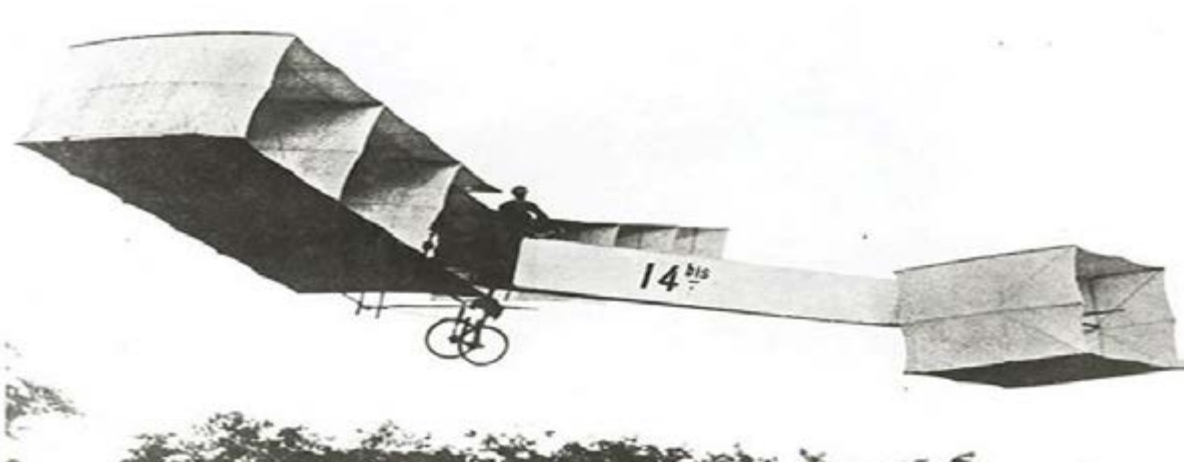
BALÕES Nº 7, 8, 9 E 10

Depois do balão n.º 6, Santos Dumont fabricou [mais quatro balões, os dois últimos usados para transportar pessoas].

O 14 BIS – O PRIMEIRO AVIÃO DA HISTÓRIA

Em 1906, Santos Dumont competiu em outras duas apostas que premiariam quem conseguisse decolar por meios próprios (sem a ajuda da velocidade dos ventos, como ocorria com os balões e sem a ajuda de mecanismos externos, a exemplo das catapultas). A "aeronave mais pesada que o ar" deveria voar ao menos por 100 metros, sem acidentes. O pouso deveria ser em um terreno plano e horizontal, sem o auxílio do vento para planar e sem dispositivos externos. O feito seria observado por uma comissão de especialistas convocados pelo Aeroclube da França.

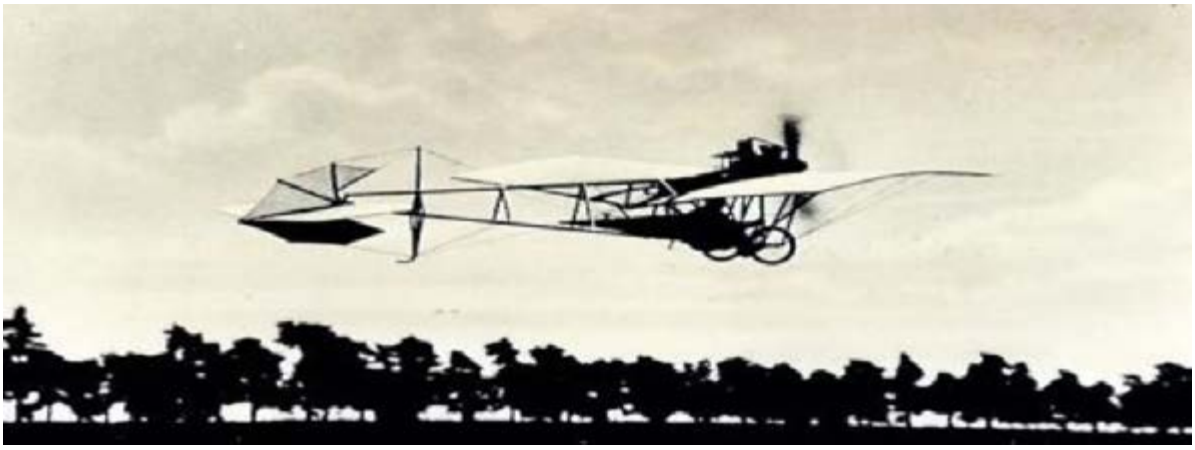
No dia 12 de novembro de 1906, Santos Dumont decolou do Parque das Bagatelle, em Paris, pilotando o avião 14 Bis, com um motor de 50 cavalos. Com uma altura de 6 metros, voou 220 metros.



Para aterrizar, desligou o motor, para perder potência e guiou o 14 Bis, quando a asa direita tocou no solo, sofrendo algumas avarias.

DEMOISELLE

Em 1907, construiu o "Demoiselle", desenho que foi modelo para todos projetistas posteriores. Tudo nele era obra de Dumont, inclusive o motor.



O Demoiselle foi o um dos menores e mais baratos aviões da época. Sua intenção era fabricá-los em larga escala e a aeronave foi então fabricada em várias oficinas. Em 1910, na primeira exposição da Aeronáutica realizada no Grand Palais de Paris, o "Demoiselle" foi um sucesso.

Ainda em 1910, encerrou a carreira e passou a supervisionar as indústrias que surgiam na Europa, porém, adoeceu e resolveu voltar ao Brasil.

DOENÇA E MORTE

No dia 08/12/1914, ao ver seu invento usado para bombardear a cidade de Colônia, na Alemanha, na Primeira Guerra, ele se decepcionou. No Brasil, sua tristeza aumentou quando o aeroplano foi usado para fins militares na Revolução de 1932.

Com esclerose múltipla e depressão, Santos Dumont se suicidou em um hotel no Guarujá [23/07/1932]. Para não manchar a imagem de Dumont, o governo divulgou que ele teria sofrido um infarto.

A casa da Rua do Encanto, n.º 22, Petrópolis (RJ), que foi residência de verão de Santos Dumont, é hoje um museu que conta com objetos originais, como livros, cartas, mobiliário etc. Os degraus da escada de entrada da casa foram feitos para se entrar com o pé direito.

Dumont deixou dois livros: "Dans-L'air" (1904) e "O que Vi e o que Nós Veremos" (1918).

CARLOS CHAGAS

Biólogo, médico sanitarista, infectologista, cientista e bacteriologista, trabalhando como clínico e pesquisador. Atuante na saúde pública do Brasil, iniciou a carreira no combate à malária.

Nascimento: 09/07/1879 em Oliveira (MG)
Falecimento: 08/11/1934, Rio de Janeiro (RJ)
Formação: Faculdade de Medicina UFRJ (1897–1902)
Prêmios: Bolsa Guggenheim para Ciências Naturais, América Latina e Caribe.
Pais: José Justiniano das Chagas (cafeicultor) e Mariana Cândida Chagas
Fonte: Wikipédia

DADOS BIOGRÁFICOS[2] (Extrato)

Carlos Justiniano Ribeiro Chagas nasceu [-] Dedicou-se ao estudo das doenças tropicais e descobriu o protozoário do gênero Plasmodium, causador da malária, e o parasita Trypanosoma Cruzi, transmissor da doença de Chagas.

[-] estudou no Colégio São Luís, em Itu, no interior de São Paulo. Ingressou na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, com 18 anos. Em 1901, a malária atacou vários trabalhadores da construção de uma represa na região de Santos-SP, chegando a paralisar a obra. Carlos Chagas foi então recrutado para combater e evitar a propagação da doença, debelando-a com medidas sistemáticas de saneamento.

Em 1902, iniciou sua tese "O ciclo evolutivo da malária na corrente sanguínea", concluída em 1903[3]. Em 1905, foi contratado por Oswaldo Cruz com a missão de controlar a epidemia da doença que assolava o município de Itatinga-SP. Dois anos depois, foi para o norte de Minas Gerais para combater a malária entre os trabalhadores da Estrada de Ferro Central do Brasil. Carlos Chagas permaneceu dois anos nesta região, onde suas pesquisas o levaram a descobrir uma doença provocada por um protozoário até então desconhecido, que denominou de Trypanosoma cruzi, em homenagem ao seu mestre Oswaldo Cruz.

O protozoário foi encontrado no inseto conhecido como barbeiro, visto sua preferência por sugar o sangue do rosto. Carlos Chagas examinou esses insetos e descobriu que eles eram os hospedeiros da doença batizada de doença de Chagas. Sua descoberta foi anunciada à Associação Nacional de Medicina em 22 de abril de 1909 pelo sanitarista Osvaldo Cruz. A descoberta tornou o médico mundialmente famoso. Pela primeira vez na história da medicina, um pesquisador conseguiu descrever por completo o ciclo da doença, tendo identificado o vetor (o besouro conhecido como barbeiro), o agente causal (o protozoário Trypanosoma cruzi), o reservatório doméstico (gato), a doença nos humanos e suas complicações.

Em 1918, diante de um surto de gripe espanhola no Rio de Janeiro que contaminou dois terços da população e fez onze mil vítimas, Carlos Chagas foi chamado pelo Presidente Wenceslau

2 Fonte: UNIFEI https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/carlos-chargas/
3 Artigo da Professora Dilva Frazão. "Em 1903, no final do curso, apresentou a tese intitulada "Estudo Hematológico do Impaludismo" (https://www.ebiografia.com/carlos_chagas/)

Braz para controlar a epidemia. Diante da falta de assistência médica, precárias condições de higiene e falta de saneamento, o sanitarista instalou vários postos de atendimento médico e, no Instituto Osvaldo Cruz, incentivou a pesquisa da doença. Com medidas preventivas, a infecção foi debelada no mesmo ano.

Carlos Chagas foi reconhecido por suas pesquisas e descobertas, recebendo prêmios e homenagens de vários países, entre eles, Alemanha, França, Portugal, Espanha, Itália Inglaterra e Estados Unidos. Neste último, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Harvard, tornando-se o primeiro brasileiro a obter a condecoração.

TRECHO DE "BIOGRAFIA DE CARLOS CHAGAS"

Dilva Frazão (Biblioteconomista e Professora)[4]

Diretor de Saúde Pública

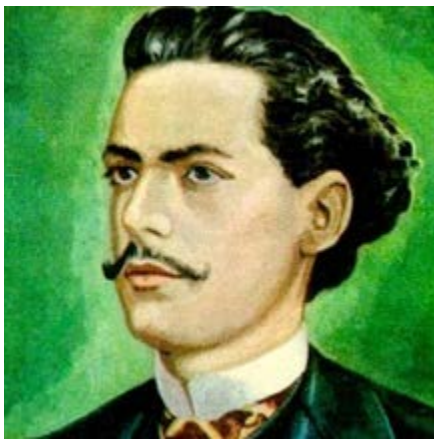
Em 1919, Carlos Chagas foi nomeado pelo presidente da República, Epitácio Pessoa, para o cargo de Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública. Nesse período, realizou reformas no serviço de profilaxia rural, instalou inspetorias especializadas no combate à tuberculose, à sífilis e a lepra.

Com o apoio da Fundação Rockefeller e por iniciativa de Carlos Chagas foi fundado o serviço de Enfermagem Sanitária do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Em 1923 foi criada a primeira escola oficial de enfermagem, a Escola de Enfermagem Ana Néri introduzindo assim o ensino de enfermagem no Brasil. Carlos Chagas deixou o Departamento Nacional em 1926, mas permaneceu dirigindo Manguinhos.

4 https://www.ebiografia.com/carlos_chagas/

CASTRO ALVES



Antônio Frederico de Castro Alves. Poeta que escreveu clássicos como Espumas Flutuantes e Hinos do Equador, elevando-se à posição de maior entre seus contemporâneos.

Nascimento: 14/03/1847, em Castro Alves (BA)
Falecimento: 06/07/1871, Salvador (BA)
Pais: Clélia Brasília da Silva Castro, Antônio José Alves
Influências: Gonçalves Dias, Lord Byron, Victor Hugo

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: BIOGRAFIA[5] (Extrato)

Nasceu em Muritiba, BA [hoje Castro Alves]. É o patrono da cadeira n. 7 [-].

Era filho do médico Antônio José Alves, mais tarde professor na Faculdade de Medicina de Salvador, e de Clélia Brasília da Silva Castro, falecida quando o poeta tinha 12 anos, e, por esta, neto de um dos grandes heróis da Independência da Bahia. Por volta de 1853, ao mudar-se com a família para a capital, estudou no colégio de Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas, onde foi colega de Rui Barbosa, demonstrando vocação apaixonada e precoce para a poesia. Mudou-se em 1862 para o Recife, onde concluiu os preparatórios e, depois de duas vezes reprovado, matriculou-se na Faculdade de Direito em 1864. Cursou o 1º ano em 1865, na mesma turma que Tobias Barreto. Logo integrado na vida literária acadêmica e admirado graças aos seus versos, cuidou mais deles e dos amores que dos estudos. Em 1866, perdeu o pai e, pouco depois, iniciou apaixonada ligação amorosa com atriz portuguesa Eugênia Câmara, dez anos mais velha, que desempenhou importante papel em sua lírica e em sua vida.

Nessa época Castro Alves entrou numa fase de grande inspiração e tomou consciência do seu papel de poeta social. Escreveu o drama *Gonzaga* e, em 1868, transferiu-se para o sul do país em companhia da amada, matriculando-se no 3º ano da Faculdade de Direito de São Paulo, na mesma turma de Rui Barbosa. No fim do ano o drama é representado com êxito enorme, mas o seu espírito se abate pela ruptura com Eugênia Câmara. Durante uma caçada, a descarga acidental de uma espingarda lhe feriu o pé esquerdo, que, sob ameaça de gangrena, foi, afinal, amputado no Rio, em meados de 1869. Sua saúde, que já se ressentira de hemoptises desde os dezessete anos, quando escreveu "Mocidade e Morte", cujo primeiro título original era "O tísico", ficou definitivamente comprometida. De volta à Bahia, passou grande parte do ano de 1870 em fazendas de parentes, à busca de melhoras para a tuberculose. Em novembro, saiu seu primeiro livro, *Espumas flutuantes*, único que chegou a publicar em vida [-].

Daí por diante, apesar do declínio físico, produziu alguns dos seus mais belos versos, animado por um derradeiro amor, este platônico, pela cantora italiana Agnese Trinci Murri. Faleceu em 1871, aos 24 anos, sem ter podido acabar a maior empresa a que se propusera, o poema *Os escravos*, uma série de poesias em torno do tema da escravidão. Ainda em 1870, numa das fazendas em que repousava, havia completado A Cachoeira de Paulo Afonso, que saiu em 1876, e que é parte do

5 Fonte: https://www.academia.org.br/academicos/castro-alves/biografia

empreendimento, como se vê pelo esclarecimento do poeta: "Continuação do poema *Os escravos*, sob título de *Manuscritos de Stênio*."

Duas vertentes se distinguem na poesia de Castro Alves: a feição lírico-amorosa, mesclada de forte sensualidade, e a feição social e humanitária, em que alcança momentos de fulgurante eloquência épica. Como poeta lírico, caracteriza-se pelo vigor da paixão, a intensidade com que exprime o amor, como desejo, frêmito, encantamento da alma e do corpo, superando o negaceio de Casimiro de Abreu, a esquivança de Álvares de Azevedo, o desespero acuado de Junqueira Freire. A grande e fecundante paixão por Eugênia Câmara percorreu-o como corrente elétrica, reorganizando-lhe a personalidade, inspirando alguns dos seus mais belos poemas de esperança, euforia, desespero, saudade. Outros amores e encantamentos constituem o ponto de partida igualmente concreto de outros poemas.

Enquanto poeta social, extremamente sensível às inspirações revolucionárias e liberais do século XIX, Castro Alves, na linhagem de Victor Hugo, um dos seus mestres, viveu com intensidade os grandes episódios históricos do seu tempo e foi, no Brasil, o anunciador da Abolição e da República, devotando-se apaixonadamente à causa abolicionista, o que lhe valeu a antonomásia de "Cantor dos escravos". A sua poesia se aproxima da retórica, incorporando a ênfase oratória à sua magia. No seu tempo, mais do que hoje, o orador exprimia o gosto ambiente, cujas necessidades estéticas e espirituais se encontram na eloquência dos poetas. Em Castro Alves, a embriaguez verbal encontra o apogeu, dando à sua poesia poder excepcional de comunicabilidade.

Dele ressalta a figura do bardo que fulmina a escravidão e a injustiça, de cabeleira ao vento. A dialética da sua poesia implica menos a visão do escravo como realidade presente do que como episódio de um drama mais amplo e abstrato: o do próprio destino humano, presa dos desajustamentos da História. Encarna as tendências messiânicas do Romantismo e a utopia libertária do século. O negro, escravizado, misturado à vida cotidiana em posição de inferioridade, dificilmente se podia elevar a objeto estético, o que ele alcançou, no entanto, numerosas vezes. Surgiu primeiro à consciência literária como problema social, e o abolicionismo era visto apenas como sentimento humanitário pela maioria dos escritores que até então trataram desse tema. Só Castro Alves estenderia sobre o negro o manto redentor da poesia, tratando-o como herói, como ser integralmente humano.

CÉSAR LATTES

Cesare Mansueto Giulio Lattes, mais conhecido como César Lattes, foi um físico codescobridor do méson-π, feito que levou à concessão do Prêmio Nobel de Física de 1950 a Cecil Frank Powell, líder da pesquisa.

Nascimento: 11/07/1924, Curitiba (PR)
Falecimento: 08/03/ 2005, Campinas (SP)
Livros: Descobrindo a estrutura do universo e Positive Mesons Produced by the 184-inch Berekely Cyclotron
Formação: Universidade de São Paulo (1943)
Prêmios: Ordem Nacional do Mérito Científico
Pais: Carolina Maroni Lattes e Giuseppe Lattes
Fonte Wikipédia

BIOGRAFIA DE CÉSAR LATTES[6] (Extrato)

Apesar de [seus pais] serem judeus sefarditas, foi batizado na Igreja Católica como *Cesare Mansueto Giulio*. Com a Revolução de 1930, a família passou seis meses na Itália. Seu pai era gerente do Banco Francês e Italiano, onde César conheceu o cientista Gleb Wataghin, que mais tarde seria seu mentor.

Lattes estudou com uma professora particular em Porto Alegre em seus primeiros anos e depois no Instituto Menegapi por seis meses [e na Escola Americana].

Entre 1934 e 1938 fez o ensino médio no Colégio Dante Alighieri e aos 19 anos graduou-se em matemática e física pela USP, em 1943.

Ainda nos anos 1940, integrou um brilhante grupo de jovens físicos brasileiros que foram trabalhar com professores europeus, como Gleb Wataghin e Giuseppe Occhialini. Lattes destacou-se dentro da turma por seu talento para a pesquisa de campo. [-] Aos 25 anos de idade foi um dos fundadores do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, no Rio de Janeiro.

Entre 1947 e 1948, Lattes começou a sua principal linha de pesquisa, o estudo dos raios cósmicos, descobertos pelo físico estadunidense Carl David Anderson em 1932. Montou um laboratório a mais de 5.000 metros de altitude em Chacaltaya, montanha dos Andes na Bolívia, onde empregou chapas fotográficas para registrar os raios cósmicos.

Viajou para a Inglaterra [-], onde foi trabalhar no H. H. Wills Laboratory, da Universidade de Bristol, dirigido por Cecil Frank Powell, com uma bolsa de 15 libras por mês. Após melhorar uma nova emulsão nuclear usada por Powell, pedindo à empresa britânica Ilford para adicionar boro a ela, em 1947 realizou, com a ajuda dessas chapas, uma grande descoberta experimental, a de uma nova partícula atômica, o méson π (ou pion), a qual se desintegra em um novo tipo de partícula, o méson μ (méson mu ou muon).

Foi uma grande reviravolta na ciência e possivelmente Lattes foi o primeiro a levantar a possibilidade do uso da descoberta para o tratamento do câncer. Giuseppe Occhialini, que havia sido professor de Lattes na USP ainda durante a Segunda Guerra, ao revelar as novas chapas com boro

6 Fonte: Wikipédia (https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9sar_Lattes)

[-], começou a escrever um trabalho para a revista *Nature*, sem se preocupar com o consentimento de Powell, segundo Lattes. Nessas chapas, foram descobertos dois decaimentos do méson pi em méson μ (múon). Essas descobertas foram relatadas em "*Processes involving charged mesons*", por Muirhead, Occhialini e Powell.

No mesmo ano, foi responsável pelo cálculo da massa da nova partícula, em meticuloso trabalho. Um ano depois, trabalhando com Eugene Gardner na Universidade da Califórnia em Berkeley, Lattes detectou a produção artificial de partículas píon no ciclotron do laboratório, quando do bombardeio de átomos de carbono com partículas alfa. Tinha 24 anos de idade.

Em 1948, Lattes retornou ao Brasil e tornou-se professor da USP após ter recusado uma proposta de Harvard. Foi também professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Depois de outra breve estada nos Estados Unidos (de 1955 a 1957), voltou para o Brasil e aceitou uma posição na sua *alma mater*, o Departamento de Física da USP. Nesse ano, Lattes ingressou na Academia Brasileira de Ciências (ABC).

Depois de ter se mudado para Campinas, em 1963, ajudou a fundar o Instituto de Física. Em 1967, Lattes aceitou a posição de professor titular no novo Instituto "Gleb Wataghin" de Física na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), nome que se originou de seu professor fundador, o qual ele também ajudou a fundar. Foi diretor do Departamento de Raios Cósmicos, Altas Energias e Léptons. Em 1969, ele e seu grupo descobriram a massa das codenominadas bolas de fogo, um fenômeno espontâneo que ocorre durante colisões de altas energias, e que tinha sido detectado pela utilização das chapas de emulsão fotográfica nucleares inventadas por ele, e colocadas no pico de Chacaltaya nos Andes Bolivianos. Lattes aposentou-se em 1986, quando recebeu o título de doutor *honoris causa* e professor emérito pela Universidade de Campinas.

Lattes é um dos mais destacados e homenageados físicos brasileiros e seu trabalho foi fundamental para o desenvolvimento da física atômica. Foi um grande líder científico da física brasileira e uma das principais personalidades por trás da criação do importante Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Por sua contribuição nesse processo, a Unicamp decidiu homenageá-lo denominando sua biblioteca central como «Biblioteca César Lattes". Além disso, o banco de dados científico nacional brasileiro, a Plataforma Lattes, também foi batizada em sua homenagem.

Lattes recebeu várias honrarias ao longo de sua vida, dentre elas destacam-se o título de Cavaleiro da Grande Cruz, outorgado pela Ordo Capitulares Stellae Argentae Crucitae (1948); Prêmio Einstein, da Academia Brasileira de Ciências (1951); o Prêmio Ciências, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (1953); o Prêmio Evaristo Fonseca Costa, do Conselho Nacional de Pesquisas (1957); Cidadão Honorário da Bolívia (1972); a Medalha Carneiro Felipe, do Conselho Nacional de Energia Nuclear (1973); a Medalha dos 25 anos da SBPC (1973); o Prêmio Moinho Santista – Física (1975); a Comenda Andrés Bello, outorgado pelo Governador da Venezuela (1977); o Prêmio Bernardo Houssay, da Organização dos Estados Americanos (1978); o Prêmio em Física, da Academia de Ciências do Terceiro Mundo, sediada em Trieste, Itália (1987); a Medalha dos 40 anos da SBPC (1988); a Medalha Santos Dumont (1989); e o Símbolo do Município de Campinas (1992). Além dessas honrarias, Lattes é nome de logradouros e edifícios em algumas cidades e universidades brasileiras.

Ele figura como um dos poucos brasileiros na *Enciclopédia Biográfica de Ciência e Tecnologia* de Isaac Asimov, bem como na *Encyclopædia Britannica*. Embora tenha sido o pesquisador principal e o primeiro autor do artigo histórico da *Nature* descrevendo o píon, Cecil Powell sozinho recebeu

o Prêmio Nobel de Física em 1950 por «seu desenvolvimento do método fotográfico de estudar processos nucleares e suas descobertas sobre mésons feitas com este método". A razão para essa aparente negligência é que a política do Comitê do Nobel até 1960 era dar o prêmio apenas ao chefe do grupo de pesquisa. Ele recebeu o Prêmio TWAS em 1987.

César Lattes e José Leite Lopes são os protagonistas de *Cientistas Brasileiros*, um documentário de 2002 dirigido por José Mariani, que narra sua trajetória e suas contribuições para o desenvolvimento da Física no Brasil. [-] era casado com a matemática pernambucana Martha Siqueira Neto, com quem teve quatro filhas [-]. Costumava declarar-se agnóstico, mas, em 2001, numa entrevista ao *Jornal da Unicamp*, declarou acreditar na versão bíblica de que Deus havia criado a matéria. Politicamente, Lattes se dizia Stalinista. Mesmo depois de se aposentar, continuou a viver numa casa situada no distrito próximo ao *campus* da Universidade de Campinas.

Morreu em 8 de março de 2005, aos 80 anos de idade, em Campinas [-]. Foi sepultado no Cemitério Parque Flamboyant, naquela cidade.

CHIQUINHA BARBOSA

Francisca Edviges Neves Gonzaga, mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, foi compositora, instrumentista e maestrina. Pioneira musicista. Primeira pianista chorona, autora da primeira marcha carnavalesca com letra no Brasil.

Nascimento: 17/10/1847, Rio de Janeiro
Falecimento: 28/02/1935, Rio de Janeiro
Pais: José Basileu Gonzaga e Rosa Maria Neves de Lima
Gênero(s): Choro; Polka; Tango brasileiro; Marcha; Valsa
Fonte: Wikipédia

BIOGRAFIA[7] (Extrato)

Por Dilva Frazão - Biblioteconomista e Professora

Chiquinha Gonzaga foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil, combinando o popular com o erudito. Autora da primeira marchinha de carnaval "Ó Abre Alas".

Era filha de José Basileu Alves Gonzaga, primeiro-tenente, de família ilustre do Império, e Rosa Maria Neves Lima, mestiça, filha de uma escrava, uma relação rejeitada pela família de seu pai.

Chiquinha recebeu a mesma educação dada às crianças burguesas da época. Estudou português, cálculo, francês e religião com o Cônego Trindade, amigo da família. Desde criança mostrou interesse pela música. Com 11 anos estreou como compositora com uma cantiga de Natal, intitulada "Canção dos Pastores".

CASAMENTOS

Em 1863, com dezesseis anos, Chiquinha Gonzaga se casou com Jacinto Ribeiro do Amaral, oficial da Marinha Mercante. Ganhou de seu pai, um piano de presente de casamento. Com gênio forte e decidida, continuou sua dedicação ao piano, compondo valsas e polcas, para desagrado do marido. Em 1864, nasceu seu filho João Gualberto e no ano seguinte nasceu Maria do Patrocínio.

Em 1865, Jacinto tornou-se sócio do Barão de Mauá para exploração do navio São Paulo, fretado pelo Governo, para o transporte de escravos, armas e soldados para a Guerra do Paraguai. Chiquinha foi obrigada a acompanhar o marido em algumas viagens, mesmo insatisfeita com a situação de viajar reclusa em seu camarote, pois as ordens do marido eram que ela não se envolvesse com música.

Chiquinha resolveu então voltar com o filho para a casa de seus pais, onde havia ficado sua filha Maria. Não tendo apoio da família e descobrindo que estava grávida voltou a viver com seu marido. Em 1867 nasceu seu terceiro filho Hilário, mas o casamento durou pouco tempo.

Após a separação, a música voltou a fazer parte da vida de Chiquinha. Depois de pouco tempo, passou a viver com o Engenheiro João Batista de Carvalho Júnior. Levando seu filho João Gualberto, o casal foi morar em uma fazenda em Minas Gerais.

7 https://www.ebiografia.com/chiquinha_gonzaga/

Em 24 de agosto de 1876 nasceu Alice, filha do casal. Pouco depois descobriu a traição do marido e retornou para o Rio de Janeiro, com seu filho João Gualberto, deixando Alice com o pai, que a entregou à sua irmã, Henriqueta.

MUSICAIS

Depois de separada, Chiquinha voltou a viver da música. Dava aulas de piano e obteve grande sucesso compondo polcas, valsas, tangos e cançonetas. Ao mesmo tempo, juntou-se a um grupo de músicos de choro. Foi a necessidade de adaptar o som de seu piano ao gosto popular que lhe valeu a glória de se tornar a primeira compositora popular do país.

O sucesso de Chiquinha Gonzaga veio em 1877, com a composição "Atraente", um animado choro. A partir da repercussão de sua primeira composição impressa, Chiquinha resolveu se lançar no teatro de variedades, mesmo enfrentando o preconceito. Mas, finalmente ela iniciou sua carreira de regente com a publicação da revista, "A Corte na Roça" em 1885.

Suas músicas fizeram grande sucesso e Chiquinha recebeu vários convites de trabalho. Em 1897, todo o Brasil dançou sua estilização da dança rural "corta-jaca", sob a forma de "tango gaúcho". Sua carreira ganhou prestígio com a marcha-rancho "Ô Abre Alas», composta em 1899, a pedido dos componentes do cordão carnavalesco Rosa de Ouro:

Ô abre alas!
Que eu quero passar (bis)
Eu sou da lira
Não posso negar (bis)
Ô abre alas!
Que eu quero passar (bis)
Rosa de Ouro
É que vai ganhar (bis).

Nesse mesmo ano, Chiquinha conheceu o músico português, João Batista Fernandes Lages, que vivia no Rio de Janeiro. Chiquinha com 52 anos e ele com apenas 16, começaram um relacionamento. Para não enfrentar o moralismo da época, Chiquinha registrou João Batista como seu filho.

A peça de teatro "Forrobodó", musicada por Chiquinha Gonzaga, que estreou em 1912, bateu recorde de permanência em cartaz atingindo 1.500 apresentações. As músicas foram cantadas por toda a cidade. "Forrobodó" tornou-se o maior sucesso teatral de Chiquinha e um dos maiores do Teatro de Revista do Brasil.

Em 1934, aos 87 anos, Chiquinha Gonzaga escreveu seu último trabalho, a partitura da opereta "Maria". Como maestrina, atuou em 77 peças teatrais, tornando-se responsável por cerca de 2.000 composições. Foi cercada dessa glória que Chiquinha Gonzaga viveu em companhia de João Batista.

Chiquinha Gonzaga batalhou para receber os direitos autorais, depois de encontrar em Berlim várias partituras suas reproduzidas sem autorização. Foi a fundadora, sócia e patrona da SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, ocupando a cadeira n.º 1.

OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS[8]

"[-] destaca-se na história da cultura brasileira e da luta pelas liberdades no país pelo seu pioneirismo. A coragem com que enfrentou a opressora sociedade patriarcal e criou uma profissão inédita para a mulher, causou escândalo em seu tempo. Atuando no rico ambiente musical do Rio de Janeiro do Segundo Reinado, no qual imperavam polcas, tangos e valsas, Chiquinha Gonzaga não hesitou em incorporar ao seu piano toda a diversidade que encontrou, sem preconceitos. Assim, terminou por produzir uma obra fundamental para a formação da música brasileira, pela primeira vez apresentada ao grande público por meio do Acervo Digital Chiquinha Gonzaga. [-] Como autora de músicas de sucesso, sobretudo pela divulgação nos palcos populares do teatro musicado, Chiquinha Gonzaga sofreu exploração abusiva de seu trabalho, o que fez com que tomasse a iniciativa de fundar, em 1917, a primeira sociedade protetora e arrecadadora de direitos autorais do país, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Sbat)".

8 https://chiquinhagonzaga.com/wp/biografia/

GUSTAVO CAPANEMA

Gustavo Capanema Filho - político brasileiro. Foi o Ministro da Educação que mais tempo ficou no cargo em toda a história do Brasil (1934 a 1945). Entre 1934 e 1953, o Ministério era da Educação e Saúde Pública.

Nascimento: 10/08/1900, Pitangui (MG)
Falecimento: 10/03/1985, Rio de Janeiro (RJ)
Formação: Faculdade de Direito da UFMG (1920 a 1924) - bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais
Casado: Maria de Alencastro Massot
Fonte: Wikipédia

CONHEÇA GUSTAVO CAPANEMA, O EDUCADOR MODERNISTA[9] (Extrato)

[-] foi ministro da Educação do governo Getúlio Vargas, tinha apreço pela política e era chefe de Carlos Drummond de Andrade.

"Política é a arte de conquistar e conservar o poder", anuncia a epígrafe. A assertiva cunhada pelo mineiro Gustavo Capanema tem a precisão de uma bem-elaborada síntese que traça o norte da trajetória deste homem, nascido em uma família de poucos recursos no esquecido arraial Onça do Rio São João Acima – atualmente emancipado, denomina-se Onça de Pitangui –, mas, na ocasião, distrito de Pitangui, no Centro-Oeste do estado. Lançou-se à vida pública aos 27 anos como vereador daquela cidade. Dali foi alçado, em poucos anos, ao cenário nacional, figurando primeiro como secretário do Interior de Olegário Maciel, interventor de Minas, de quem era primo. Depois, saltou ao primeiro escalão de Getúlio Vargas – após breve passagem como interventor interino de Minas – tornando-se o ministro da Educação que comandou a pasta por mais tempo.

GUSTAVO CAPANEMA E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA INTERPRETAÇÃO[10] (Extrato)

Gustavo Capanema foi responsável por uma série de projetos importantes de reorganização do ensino no país, assim como pela organização do Ministério da Educação em moldes semelhantes ao que ainda é hoje. O apoio dado por Capanema a grupos intelectuais e, mais especialmente, a arquitetos e artistas plásticos de orientação moderna, contribuiu para cercar sua gestão de uma imagem de modernização na esfera educacional que ainda não havia sido examinada em mais detalhe. Este artigo[-] mostra como a característica principal de sua gestão, na área educacional, foi sua vinculação com os setores mais conservadores da Igreja Católica no Brasil. Em consequência desta vinculação a Igreja cessou, durante o Estado Novo, seu ataque tradicional à interferência do Estado nas atividades educacionais, e o Estado, por sua vez, tratou de adotar os preceitos doutrinários e educacionais da Igreja no ensino público que ora se implantava.

BIOGRAFIA (EXTRATO COM INSERÇÕES DO PESQUISADO)[11]

Iniciou seus estudos em Pitangui, transferindo-se em seguida para Belo Horizonte, onde cursou os colégios Azeredo e Arnaldo - dirigido por padres alemães - e o Ginásio Mineiro. Ingressou

9 Estado de Minas: Bertha Maakaroun - https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2019/08/16/interna_pensar,1077599/conheca-gustavo-capanema-o-educador-modernista.shtml
10 http://www.schwartzman.org.br/simon/capanema_interpretacao.htm
11 Fonte Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gustavo_Capanema

em 1920 na Faculdade de Direito de Minas Gerais [-] Junto com colegas de faculdade, Capanema formava o grupo conhecido como "os intelectuais da rua da Bahia", integrado também por Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos, João Alphonsus e João Pinheiro Filho. No ano seguinte, retornou a Pitangui, onde lecionou e advogou até 1929. Ao longo desse período, travou contato com a reforma educacional iniciada por Francisco Campos em sua gestão como secretário do Interior do governo mineiro de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (1926-1930).

> *[inserção pelo pesquisador] Ingressou na Aliança Liberal, movimento que reuniu lideranças políticas gaúchas, mineiras e paraibanas e participantes do tenentismo em confronto com as lideranças oligárquicas da tradicional política do café com leite*[12]*. Em 1930, a Aliança Liberal e o Movimento Tenentista conduziram a revolução que depôs Washington Luiz e levou Getulio Vargas ao poder, iniciando a Era Vargas (1930-1945) [fim de inserção].*

Capanema teve uma carreira política exitosa, tendo sido Presidente de Minas Gerais em 1933, por curto período; Senador pelo mesmo estado de 1971 a 1979; e Deputado Federal por seis mandatos consecutivos (1946 a 1971). Foi Ministro do TCU de 1959 a 1961.

Em 31 de março [1964], quando se verificou o confronto final entre o governo e a oposição, Capanema colocou-se ao lado do movimento político-militar que depôs o presidente João Goulart. Durante a presidência de Castello Branco, [-] Capanema manteve-se na defesa de seu governo, manifestando, porém, em diversas ocasiões, sua oposição às medidas de força assumidas pelo novo regime.

Após sua reeleição à Câmara Federal, pela Arena, em novembro de 1966, o general Artur da Costa e Silva, candidato à sucessão presidencial, indicou-o para a vice-presidência da República, como companheiro de chapa. A escolha acabou recaindo sobre Pedro Aleixo, nome proposto pelo presidente Castello Branco.

Em 1969 [-] Capanema encaminhou um plano de reforma eleitoral onde procurava conciliar o princípio da representação proporcional com a eleição de deputados federais e estaduais por distrito [voto distrital].

Como Senador foi presidente da Comissão de Educação e Cultura de 1971 a 1973 e vice-presidente da Comissão de Constituição e Justiça a partir de 1975.

Em 1980, candidatou-se a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, tendo sido, entretanto, derrotado pela escritora Diná Silveira de Queirós.

Foi presidente do Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro, e membro do conselho deliberativo da Bienal de São Paulo, presidente do Círculo de Arte Vera Ianacopoulos, no Rio de Janeiro, e membro do conselho deliberativo da Fundação Milton Campos, criada pela Arena em setembro de 1975.

Entre [seus trabalhos] contam-se: Os grandes dias do Brasil novo (em colaboração com Francisco Campos e João Marques dos Reis, 1939), A educação e a saúde no decênio getuliano (1941), Algumas notas documentárias sobre o projeto da Constituição (1946), Panorama da educação nacional (em colaboração com Getúlio Vargas, 1957) e Discursos e outros escritos (1980).

Capanema foi o principal artífice da construção da Lei brasileira de preservação do patrimônio histórico e cultural, sancionada em 30 de novembro de 1937.

---

12 "Política do Café com Leite" é uma expressão utilizada para caracterizar um procedimento político típico de um período da história do Brasil denominado de República Oligárquica (1898 a 1930). Esse procedimento consistia na alternância no cargo de Presidente da República entre as oligarquias dos dois estados mais poderosos da época, o estado de São Paulo e o estado de Minas Gerais.

Veja mais sobre "Política do Café com Leite" em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/politica-cafe-com-leite.htm

HEITOR GURGULINO DE SOUZA

Acadêmico brasileiro e uma das personalidades mais importantes no cenário político internacional, como reitor da Universidade das Nações Unidas, onde ocupou também o cargo de subsecretário geral da ONU, tendo participado de diversas conferências daquele Organismo Internacional.

Atual: Vice-Presidente do *The Club of Rome* (Preside seu Capítulo Brasileiro) e Secretário-Geral Eleito do *International Association of University Presidents*.

Nascimento: 01/08/1928, São Lourenço (MG)

Fonte: Wikipédia

HISTÓRICO[13]

Exerceu várias funções de gestão em Ciência e Tecnologia e em Educação, tendo sido chefe da Unidade de Educação e Pesquisa do Departamento de Assuntos Científicos, da Organização dos Estados Americanos - OEA, Washington - DC, de 1962 a 1969.

Diretor e assessor especial do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, de 1975 a 1982. Diretor do Departamento de Assuntos Universitários - DAU, do Ministério de Educação e Cultura - MEC, de 1972 a 1974.

Membro do então Conselho Federal de Educação, hoje, Conselho Nacional de Educação, do qual presidiu a Câmara de Planejamento de 1982 a 1987.

Como reitor da Universidade das Nações Unidas, ocupou também o cargo de subsecretário geral das Nações Unidas, tendo participado das seguintes conferências da ONU: sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - UNCED, Rio de Janeiro, 1992; sobre População no Cairo em 1994; sobre Desenvolvimento social em Copenhague em 1995; da UN Conference on Women, em Beijing em 1995; Habitat II em Istambul em 1996; e sobre Alimento em Roma em 1996.

É membro eleito da Sigma Pi Sigma-Physics Honor Society, USA; da American Physical Society, desde 1956; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, desde 1961; e da Sociedade Brasileira de Física desde a sua fundação.

Integrou organismos internacionais ligados a sua área de atuação e desempenho, nos quais exerceu cargos e funções de destaque, como: presidente do Comitê Interamericano de Ciência e Tecnologia (CICYT), da OEA; presidente do Latin American Scholarship Program of American Universities - LASPAU, Harvard University, USA; membro do International Council for Educational Development, Princeton, USA; vice-presidente da Associação Internacional de Reitores - IAUP, México; e presidente do Grupo Interuniversitário Latinoamericano - GULERPE, Caracas, Venezuela.

Membro do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB, membro do Conselho da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências – FUNBEC; além de ter sido eleito, em 1996, membro do Clube de Roma e conselheiro especial do diretor-geral da UNESCO (Paris) no período de 1997 a 1999.

13 Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Heitor_Gurgulino_de_Souza

TÍTULOS

- Bacharel - Universidade de Mackenzie, SP - 1949.
- Licenciado - Universidade de Mackenzie, SP - 1950.
- Instrutor e professor assistente - Instituto Tecnológico de Aeronáutica, ITA - 1951/1959.
- Assistente de pesquisa - Universidade de Kansas, USA - 1956/1957.
- Professor (Física e Matemática) - Faculdade de Ciências de Rio Claro, UNESP - 1959/1962.
- Reitor - Universidade Federal de São Carlos, SP - 1970/1974.
- Reitor - Universidade das Nações Unidas, Tóquio - 1987/1997.

PRÊMIOS E CONDECORAÇÕES

- Comendador da Ordem do Rio Branco - Ministério das Relações Exteriores - 1973
- Grande Oficial da Ordem Nacional do Mérito Educativo - Presidente da República Francesa - 1988
- Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico - Presidência da República do Brasil - Nov/1996

TÍTULOS HONORÍFICOS

- Professor honorário e doutor honoris causa - Universidade Autonoma de Guadalajara - 1973
- Doutor honoris causa - Universidade da Califórnia - 1996

IMPERATRIZ LEOPOLDINA

Maria Leopoldina da Áustria foi uma arquiduquesa da Áustria, primeira esposa do Imperador D. Pedro I (1817-1826) e Imperatriz Consorte do Brasil de 1822 até sua morte, sendo também brevemente Rainha Consorte de Portugal e Algarves entre março e maio de 1826.

Nascimento: 22/01/1797, o Palácio de Schönbrunn, Viena, Áustria.
Falecimento: 11/12/1826, no Paço de São Cristóvão, Rio de Janeiro.
Filhos: Pedro II do Brasil e Maria II de Portugal.
Netos: Leopoldina de Bragança e Isabel do Brasil.
Fonte: Wikipédia.

IMPERATRIZ LEOPOLDINA[14] (Extrato)

Juliana Bezerra - Professora de História

A Imperatriz D. Leopoldina, princesa da Hungria e da Boêmia (etc.), foi a primeira esposa de Dom Pedro I e uma das construtoras da independência do País. Por seu casamento com D. Pedro, foi a primeira imperatriz do Brasil e, por dois meses, rainha de Portugal. Apaixonada pela natureza, trouxe para o Brasil vários cientistas austríacos que estudaram a fauna e a flora brasileira. Teve sete filhos com D. Pedro I e dois deles foram soberanos: dona Maria II, rainha de Portugal e dom Pedro II, imperador do Brasil.

NASCIMENTO, NOME E INFÂNCIA

Carolina Josefa Leopoldina de Habsburgo-Lorena [-] Era a terceira filha do Imperador da Áustria, Francisco I, e da sua segunda esposa, a Princesa Maria Teresa Carolina de Nápoles e da Sicília.

No Brasil, passou a assinar como Maria Leopoldina, por ser uma tradição da família real portuguesa incluir “Maria” entre os nomes das infantas. É conhecida em nossa história como “Imperatriz Leopoldina”, “Dona Leopoldina” ou “Dona Maria Leopoldina” e “Maria Leopoldina de Áustria”.

Educada com esmero na corte vienense, desde cedo mostrou interesse pela botânica e mineralogia. Nas excursões realizadas com sua família aproveitava para coletar mostras de minerais e plantas. Também estudou línguas, história e pintura deixando várias aquarelas.

Casamento de d. Leopoldina e dom Pedro

Em 1815, quando Napoleão foi finalmente derrotado, as nações europeias se reuniram no Congresso de Viena para redesenhar o mapa europeu.

O Marquês de Marialva, embaixador português em Paris, foi designado para pedir reparações e indenizações aos franceses. Além disso, foi incumbido por Dom João VI a encontrar uma esposa para o príncipe-herdeiro, D. Pedro.

A escolha recaiu no Império Austríaco e o casamento realizado por procuração em 13 de maio de 1817, em Viena. Dona Leopoldina parte para o Brasil em viagem que dura cinco meses. Na comitiva, vieram cientistas e artistas austríacos para estudar e retratar a natureza brasileira. Entre os estudiosos estavam Carl Von Martius, Johann von Spix e Johann Natterer.

14 Fonte: “toda matéria” - https://www.todamateria.com.br/imperatriz-leopoldina/

A princesa só conheceria pessoalmente seu esposo quando desembarcou no Rio de Janeiro, em 5 novembro do mesmo ano. No dia seguinte, o casal recebeu a bênção nupcial na Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Filhos de d. Leopoldina e dom Pedro

O casal gerou sete filhos dos quais quatro chegaram à idade adulta:

Maria II (1819-1853): com a abdicação de dom Pedro I ao trono português foi rainha de Portugal de 1826 a 1828 e 1834 a 1853.

Januária do Brasil (1822-1901): foi herdeira de dom Pedro II até este ter descendência. Casou-se com Luís, conde de Áquila, irmão da imperatriz Tereza Cristina [esposa de dom Pedro II].

Francisca de Bragança (1824-1898): casou-se com o Príncipe Francisco Fernando e com ele foi para França. A princesa seria a responsável pelo casamento das suas sobrinhas Isabel e Leopoldina, com os príncipes Gastón de Orleans, conde d'Eu, e o príncipe Luís Augusto de Saxe-Coburgo-Gota[15], respectivamente.

Pedro II (1825-1891): herdeiro do trono brasileiro e imperador aos 14 anos de idade.

Os outros filhos do casal foram: Miguel, João Carlos e Paula.

PARTICIPAÇÃO NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Com a partida de D. João VI para Portugal, em 1820, devido a Revolução Liberal do Porto, D. Pedro foi nomeado Príncipe-Regente do Brasil.

Cada vez mais surgiam grupos que desejavam a separação entre os dois territórios. Pelas cartas de Dona Leopoldina, percebia-se que ela estava identificada com a causa independentista.

No ano de 1822, algumas províncias, como São Paulo, ameaçavam entrar em guerra contra o Príncipe-Regente. D. Pedro viaja para garantir o apoio dos paulistas à sua causa. Então, Dona Leopoldina assume a regência interina.

Neste momento chega uma carta de Portugal exigindo que D. Pedro voltasse imediatamente para o Reino. Dona Leopoldina, a pedido de José Bonifácio, convoca o Conselho de Estado.

Durante a reunião, entendem que esta atitude é uma manobra para que o Brasil perca seu status de Reino Unido e voltar à condição de colônia. Assim, assina o decreto de independência do Brasil em 2 de setembro de 1822. Em seguida, junto a José Bonifácio, envia uma carta a D. Pedro, declarando que era o momento de romper com Portugal.

Dona Leopoldina presidiu a sessão que daria a independência ao Brasil.

VIDA CONJUGAL

A princípio, os esposos viveram em harmonia. Com o passar do tempo, as infidelidades de D. Pedro ficavam cada vez mais evidentes.

A gota d'água, porém, foi o relacionamento entre D. Pedro I e Domitila de Castro, nomeada Marquesa de Santos. Longe de escondê-lo, D. Pedro I instalou toda a família da amante perto da residência oficial, o Palácio de São Cristóvão.

15 Wikipédia: príncipe alemão da Casa de Saxe-Coburgo-Gota, oficial da marinha austro-húngara e almirante da Armada Imperial Brasileira, marido da princesa Leopoldina do Brasil, filha do imperador Dom Pedro II.

As sucessivas gestações e o desgosto causado por esta situação teriam agravado a saúde da Imperatriz Leopoldina. O falecimento da Imperatriz, em 11 de dezembro de 1826, causou uma enorme comoção popular e seu enterro foi seguido por milhares de pessoas.

Curiosidades sobre a imperatriz Leopoldina

A primeira Bandeira do Brasil independente foi idealizada pelo pintor Jean-Baptiste Debret, que faz homenagem aos soberanos: o verde representa as cores da família Bragança e o amarelo, os Habsburgo.

A cidade de São Leopoldo-RS, fundada em 1824, foi assim chamada por causa de Dona Leopoldina. A Estrada de Ferro Leopoldina, inaugurada em 1874, foi batizada em sua honra. A escola de samba Imperatriz Leopoldinense, do Rio de Janeiro, também lhe presta homenagem.

Ela era querida por todo o povo brasileiro, e sua popularidade era, inclusive, maior e mais expressiva do que a de dom Pedro. O embaixador do Reino da Prússia, Theremim, oficiava a respeito das demonstrações públicas [de pesar por sua enfermidade] a Berlim: *"A consternação no meio do povo era indescritível; nunca [...] foi visto igual sentimento uníssono. O povo se encontrava literalmente nos joelhos rogando ao Todo Poderoso pela conservação da imperatriz, as igrejas não se esvaziavam e nas capelas domésticas todos se encontravam de joelhos, os homens formavam procissões, não de habituais que quase costuma provocar risos, mas sim de verdadeira devoção. Em uma palavra, tal inesperada afeição, manifestada sem dissimulação, deve ter sido para a alta enferma uma verdadeira satisfação".*

IRINEU EVANGELISTA DE SOUSA
VISCONDE DE MAUÁ

Comerciante, armador, industrial, político e banqueiro. Contribuiu para industrialização do Brasil no Império e recebeu dois títulos de nobreza, primeiro Barão e depois Visconde de Mauá.

Nascido: 28/12/1813, Arroio Grande - RS
Falecido: 21/10/1889, Petrópolis - RJ
Pais: Mariana de Jesus Batista de Carvalho e João Evangelista de Ávila e Sousa
Org. fundada: Banco Mauá
Fortuna: 80 Bilhões USD (conversão em 2022)
Fonte: Wikipédia

BARÃO DE MAUÁ[16] (Extrato)

Por Catarina Oliveira

Ensino Superior em Comunicação (Universidade Metodista de São Paulo, 2010)

Foi importante banqueiro, industrial e político, pioneiro da industrialização no Brasil do século XIX, responsável pela construção de grandes empreendimentos.

Filho do casal de fazendeiros Mariana de Jesus Baptista de Carvalho e de João Evangelista de Ávila e Sousa. Seu pai faleceu quando Mauá tinha oito anos, sua mãe casou-se novamente e o marido não aceitava os filhos do seu primeiro casamento. Por esse motivo, sua irmã mais velha casou-se às pressas e Mauá foi entregue aos cuidados de seu tio Manuel José de Carvalho.

Frequentou um colégio no interior de São Paulo de 1821 a 1823, onde foi alfabetizado. No ano seguinte, seguiu viagem para o Rio de Janeiro com seu outro tio, José Baptista de Carvalho, comandante de embarcação da marinha mercante. Lá trabalhou em uma pequena loja em troca de abrigo e comida.

Em 1825 conseguiu seu segundo emprego, na casa comercial do português Antônio Pereira de Almeida, de quem se tornou funcionário de confiança ao passar dos anos e chegou ao posto de caixeiro em 1828. Continuou na função até 1829, quando Antônio perdeu seus bens para o credor escocês Richard Carruthers. Por indicação do ex-patrão, Mauá foi admitido como caixeiro da Companhia Inglesa Carruthers, especializada em importação e exportação. Exercendo suas funções aprendeu inglês, contabilidade e técnicas comerciais, chegando ao posto de gerente. Em 1836 se estabeleceu como sócio da companhia, batizada de Carruthers & Cia. Em 1839, Richard Carruthers voltou definitivamente para a Inglaterra e deixa Irineu no comando dos negócios.

Com capital acumulado ao longo de seus anos de trabalho, Mauá adquiriu uma chácara no Morro de Santa Teresa, onde tratava seus empregados como auxiliares e não negava abrigo aos escravos foragidos. Trouxe sua mãe, irmã e sobrinha para residirem com ele. Em 1840 partiu em viagem para Inglaterra, onde teve contato com a realidade capitalista e com as invenções da Revolução Industrial. No ano seguinte, regressou e pediu sua sobrinha em casamento. Casaram-se em 1841 e da união nasceram 12 filhos, dos quais 10 sobreviveram.

16 Info Escola: https://www.infoescola.com/historia/barao-de-maua/

Em 1845, Mauá vendeu sua parte na sociedade e adquiriu uma fundição em Niterói. Constrói então um estaleiro no local, iniciando a indústria naval brasileira. Seu patrimônio cresceu e ele investiu em empreendimentos para modernização do Brasil. Nos anos seguintes, promoveu o encanamento das águas do Rio Maracanã na cidade do Rio de Janeiro em 1850. Em 1851 fundou a Companhia de Iluminação a Gás do Rio de Janeiro. Em 1852 fundou a Companhia de Navegação a Vapor do Amazonas e a Companhia Fluminense de Transportes. Em 30 de abril de 1854, nasceu a primeira ferrovia do país: a Companhia de Estrada de Ferro, ligando o Porto Mauá na Baía da Guanabara à encosta da Serra da Estrela. No mesmo dia Dom Pedro II concedeu-lhe o título de «Barão de Mauá».

O empreendedor também a inaugurou a Estrada de Ferro Dom Pedro II em 1858, atual Central do Brasil, realizou a construção da estrada de ferro que liga Santos a Jundiaí e a instalação de cabos telegráficos submarinos ligando o Brasil à Europa em 1874. No final da década de 1850 fundou o Banco Mauá, MacGregor & Cia.

De posicionamento liberal e abolicionista, Mauá teve problemas com o Império devido aos seus ideais. Seus negócios ficaram abalados pela legislação de taxação de importações que foi implantada e em 1857 o seu estaleiro foi incendiado criminosamente. Seus empreendimentos também sofreram consequências com a crise bancária de 1864.

Além de todas suas realizações e obras, Mauá foi deputado pelo Rio Grande do Sul, porém renunciou em 1873 para cuidar apenas de seus negócios. Em 1874, foi intitulado “Visconde de Mauá”.

Em 1875 o Banco Mauá foi encerrado, obrigando Mauá a vender grande parte de seu patrimônio. Diabético e com a saúde debilitada, quitou todas as suas dívidas e trabalhou com o comércio de café.

ERA MAUÁ[17] (Extrato)
Por Felipe Araújo

A Era Mauá é determinada pelas ações do Barão de Mauá, político e industrial brasileiro, no intuito de acelerar o cenário industrial do País. No começo do século XIX, o panorama socioeconômico nacional apresentava-se da seguinte forma: concentração de interesses no campo, trabalho escravo e uma aristocracia que investia somente em terras e na própria segurança. Todos estes fatores atravancavam o crescimento do Brasil no que se refere à industrialização e ao capitalismo. A preocupação com o comércio e a indústria era mínima, assim como a continuidade do escravismo, que dificultava o desenvolvimento da economia.

Isso começa a mudar no ano de 1844, quando a produção interna do País é favorecida com a Tarifa Alves Branco, pois as alíquotas, que são percentuais de incidência de imposto no valor tributado, aumentaram no que se refere aos importados. Ou seja, o mercado de produção interna tornava-se mais competitivo com os produtos que vinham do exterior. Outro fator que ajudou na mudança dos rumos da economia brasileira foi o fim do tráfico de escravos (1850). Assim, uma grande quantidade de capital incidiu sobre o setor industrial e comercial.

Ainda naquele ano foi criado o Código Comercial, que era uma ferramenta de regulação em transações comerciais e para companhias capitalistas que surgiam. Desta forma, essa combinação de fatores favoreceu a economia brasileira e, entre os anos de 1850 e 1889, diversas pequenas fábricas de muitos setores começaram a surgir. Entre as áreas econômicas que se desenvolveram, destacam-se as que produziam couro, sabão, papel e bens de consumo.

17 https://www.infoescola.com/historia/era-maua/

Neste momento surge a figura do Visconde de Mauá. Entre suas ações para o impulso da economia, estão: criação de estaleiros e fundições, companhias de linhas telegráficas, ferrovias, iluminação a gás, transporte urbano, entre outros negócios. O Barão tinha, até mesmo, bancos no Brasil e no exterior. Porém, o crescimento industrial brasileiro incomodava a elite rural escravista e os países concorrentes.

Assim, começa um processo que levaria o Barão à falência. O mercado interno ainda não estava completamente estabilizado, pois os escravos não tinham participação nas trocas monetárias e as relações de mercado não se desenvolviam de forma plena. A constante oposição dos senhores rurais freava o crescimento econômico, além de Mauá possuir diversos inimigos no Brasil e no exterior. Devido a isso, as transformações na economia tornaram-se ações isoladas de alguns empresários. O País continuava dominado pela elite rural arcaica, o que gerou o fim da Era Mauá.

IRMÃOS
ANTÔNIO E ANDRÉ REBOUÇAS REBOUÇAS

André Pinto Rebouças nasceu em 13 de janeiro de 1838, também em Cachoeira e foi um dos mais importantes articuladores do Movimento Abolicionista e monarquista, partiu para o exílio com a família imperial, após a proclamação da república.

Antônio Pereira Rebouças Filho nasceu em 13 de junho de 1839, na cidade de Cachoeira.

Filhos do Conselheiro do Império, deputado e advogado baiano Antônio Pereira Rebouças (Wikipédia). Eram netos de uma escrava alforriada e um alfaiate português. O pai era um advogado autodidata, deputado e conselheiro de Dom Pedro II.

Em 1854, os irmãos ingressaram juntos no curso de engenharia da Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Sete anos depois, embarcaram para a Europa, onde se especializaram em construção de portos e ferrovias. De volta ao Brasil em 1862, foram contratados pelo Império para supervisionar obras em fortificações de Santos (SP), Paranaguá (PR) e Santa Catarina.

Antônio morreu em 1874, aos 35 anos, vítima de febre tifóide. Não viu seu principal projeto ficar pronto, a Ferrovia Curitiba-Paranaguá, que só foi concluída em 1885.

Já André (também era inventor) serviu na Guerra do Paraguai e, após a morte do irmão, passou a morar no Rio de Janeiro, onde exerceu um papel ativo na militância abolicionista. Fiel ao Imperador, mudou-se com a Corte para a Europa após a Proclamação da República. Morou em Funchal, na Ilha da Madeira, até o final da vida, quando foi encontrado morto num rochedo à beira do mar, aos 60 anos de idade.

Por suas importantes obras, foram homenageados com o Túnel Rebouças, que liga a zona sul à zona norte no Rio de Janeiro; a Avenida Rebouças, uma das principais da cidade de São Paulo; e o bairro Rebouças, que se desenvolveu ao redor da Estação de Trem projetada por eles em Curitiba.

Os irmãos Antônio e André Rebouças não só foram os primeiros engenheiros negros do Brasil, mas estiveram entre os mais importantes do país na segunda metade do século 19. Contribuíram com o desenvolvimento do então recém separado estado do Paraná e projetaram importantes obras no Rio de Janeiro. Também lutaram pela abolição da escravidão — principalmente André, que participou de campanhas e manifestações.

A ferrovia de 110 quilômetros que liga a capital paranaense ao porto de Paranaguá é considerada uma impressionante obra de engenharia até os dias de hoje. A estrada de ferro corta o terreno acidentado da Serra do Mar, passando por 14 túneis. A obra iniciou em 1872 e terminou em 1885, e até hoje é utilizada para escoar a produção não só do Paraná, mas também da região Centro-Oeste do Brasil.

PLANO DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DO RIO DE JANEIRO

A capital do Império vivia um problema crônico de seca. Com frequência, faltava água na cidade. A solução para o problema foi formulada por André Rebouças. Em um relatório publicado em uma revista de engenharia em 1870, o engenheiro propôs que se transportasse água do manancial do Rio D'Ouro para a capital, descendo a Serra do Tinguá em uma tubulação de 55 quilômetros de extensão. O estudo deu origem ao Sistema Acari, que teve sua primeira linha concluída em 1877.

Docas da Alfândega e Doca Dom Pedro II.

O porto do Rio de Janeiro era um amontoado de unidades independentes espalhadas sem planejamento. A situação começou a mudar quando André Rebouças assumiu a direção de obras e implantou as Docas da Alfândega e a Doca Dom Pedro, em 1871. Os projetos ganharam uma dimensão ainda mais importante porque Rebouças proibiu a utilização de mão-de-obra escrava para as construções. Em maio de 2012, durante as obras de revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro, arqueólogos encontraram nas escavações a pedra fundamental da Doca Dom Pedro II, lavrada por André Rebouças em 15 de setembro de 1871.

FONTES: WIKIPÉDIA

https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/09/irmaos-reboucas-quem-foram-os-primeiros-engenheiros-negros-do-brasil.html

https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/09/irmaos-reboucas-quem-foram-os-primeiros-engenheiros-negros-do-brasil.html

IRMÃOS VILLAS BÔAS

Sertanistas e Indigenistas

Nascidos em Santa Cruz do Rio Pardo, interior de São Paulo.

Orlando Villas Bôas (1914 - 2002)

Cláudio Villas Bôas (1916 - 1998)

Leonardo Villas Bôas (1918 - 1961)

OS IRMÃOS QUE DEDICARAM SUAS VIDAS À LUTA PELA CAUSA INDÍGENA[18]

Maria Fernanda Garcia (10/07/2019)

Os Irmãos Villas-Bôas – Orlando, Cláudio e Leonardo – foram importantes exploradores brasileiros e defensores da causa indígena no país.

Lançaram-se em uma grande aventura pelo interior do Brasil no início dos anos 1940.

Inspirado no modelo americano de ocupação, que não se preocupava com a sobrevivência física ou cultural dos indígenas, o governo de Getúlio Vargas planejava explorar os vazios demográficos brasileiros. Os cerca de 40 milhões de habitantes do país viviam praticamente restritos à faixa litorânea. A disputa por espaços nacionais, em evidência na época da Segunda Guerra Mundial, justificava a expansão rumo às manchas brancas do mapa. Caberia a caboclos anônimos, de preferência obedientes e sem instrução, adentrar as terras e fincar bandeira.

A notícia da expedição ao oeste, batizada de Roncador-Xingu[19], chegou ao interior de São Paulo. Os irmãos Villas-Bôas embarcaram, em 1943, em busca do desconhecido. Para garantirem vagas na caravana, botaram vestes de peão e se declararam analfabetos – os recrutadores esperavam mateiros rudes, não jovens intelectuais de braços finos.

Reprovados na primeira tentativa, foram aceitos na segunda. Tal como os bandeirantes, que desbravaram o Brasil nos séculos 16 e 17, os irmãos partiram numa marcha às terras nunca alcançadas pelo homem branco. A diferença é que a expedição dos Irmãos Villas-Bôas não atacou os indígenas, muito pelo contrário, os irmãos tornaram-se defensores dos indígenas.

Os três irmãos enfrentaram muitas dificuldades durante a expedição, como a fome e a malária, mas entraram para a história pela forma como defenderam a possibilidade de um progresso que não destrói a natureza e nem as civilizações indígenas. Além disso, muito depois do fim da expedição seguiram se dedicando à causa indígena, mostrando como as culturas indígenas são muito mais desenvolvidas do que o homem branco costuma julgar.

18 Fonte:https://observatorio3setor.org.br/noticias/os-irmaos-que-dedicaram-suas-vidas-a-luta-pela-causa-indigena/

19 A expedição [Roncador-Xingu] tinha por objetivo abrir caminho em direção do Amazonas, construindo campos de pouso para aviões. A partir dessa expedição, iniciada em 1943, foram mapeadas tribos indígenas e consolidado o Parque Nacional do Xingu, criado por lei em 1961.

https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/08/06/irmaos-villa-boas-quem-foram-os-sertanistas-defensores-dos-povos-indigenas.htm?cmpid=copiaecola

A principal conquista dos irmãos foi a criação do Parque Indígena do Xingu, em 1961, território quase do tamanho da Bélgica. "Uma reserva natural onde a flora e a fauna intocadas guardassem, para o futuro, um testemunho do Brasil do descobrimento", escreveram.

Todos os irmãos já faleceram. Leonardo morreu precocemente em 1961, aos 43 anos, por problemas cardíacos; Cláudio faleceu de infarto aos 82 anos, em 1998; e Orlando aos 84 anos, de falência múltipla dos órgãos em um hospital de São Paulo, em 2002.

A história dos Irmãos Villas-Bôas virou até filme em 2012. O longa 'Xingu' é dirigido por Cao Hamburger e estrelado por Felipe Camargo (Orlando), João Miguel (Cláudio) e Caio Blat (Leonardo). Fontes: Época e Veja.

IRMÃOS CORAGEM: QUEM FORAM OS IDEALIZADORES DA 1ª RESERVA INDÍGENA DO PAÍS?

"Se achamos que nosso objetivo aqui, na nossa rápida passagem pela Terra, é acumular riquezas, então não temos nada a aprender com os índios. Mas se acreditamos que o ideal é o equilíbrio do homem dentro de sua família e dentro de sua comunidade, então os índios têm lições extraordinárias para nos dar", afirmou Cláudio Villas-Bôas. Os irmãos viveram dedicados à proteção dos povos indígenas e ao Parque Nacional do Xingu durante mais de 40 anos. Orlando e Cláudio, após encerrarem suas atividades na reserva, seguiram como assessores da presidência da Funai. Segundo Orlando Villas-Bôas, eles não eram contra o progresso, mas contra o progresso que destrói. O trabalho de defesa e preservação da cultura dos povos indígenas e sobrevivência, encabeçado pelos irmãos Villas-Bôas, rendeu a eles duas indicações ao Prêmio Nobel da Paz[20].

CONSCIÊNCIA DA AMEAÇA À SOBERANIA DO BRASIL NA AMAZÔNIA

"Nós já sabemos de fonte muito boa que dez ou 15 ianomâmis estão na América (Estados Unidos) aprendendo inglês e política. Eles vão voltar em um ou dois anos, talvez eu não vá assistir, falando inglês com uma outra mentalidade (....) E a ONU vai dar e dará como tutora no começo dessa nova gleba a América do Norte. Amor dos americanos pelos ianomâmis ? Não, senhor", disse o indigenista[21].

20 Fonte: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/08/06/irmaos-villa-boas-quem-foram-os-sertanistas-defensores-dos-povos-indigenas.htm?cmpid=copiaecola
21 Fonte: https://jornaldagente.tudoeste.com.br/2008/09/28/a-profecia-do-lapeano-villas-bas/

JOAQUIM GONÇALVES LEDO

Jornalista e político. Primogênito do comerciante Antônio Gonçalves Ledo e de D. Maria dos Reis Ledo. Aos 14 anos, mudou-se do Brasil para estudar em Portugal e entrou na Maçonaria.

Nascimento: 11/12/1781, Cachoeiras de Macacu (RJ)
Falecimento: 09/05/1847, Sumidouro (RJ)
Formação: Universidade de Coimbra (1808)
Sepultado: Monumento à Independência, São Paulo
Fonte: Wikipédia

DADOS BIOGRÁFICOS[22] (Extrato)

Base em texto elaborado pelo pesquisador Danilo Marques.

"Escrito por dois brasileiros, amigos da nação e da pátria". As palavras que, em 1822, estampavam a folha de rosto do jornal liberal *Revérbero Constitucional Fluminense* faziam referência a seus dois editores: o cônego da Capela Real, Januário da Cunha Barbosa, e Joaquim Gonçalves Ledo, advogado, jornalista e inveterado republicano.

Gonçalves Ledo, assim como muitos de sua geração, logo aos 14 anos rumou para Portugal, a fim de cursar direito na Universidade de Coimbra. No velho continente, fascinou-se com os ideais revolucionários da República francesa e se aproximou do universo da maçonaria – que, naquele período, representava um importante centro de formação e difusão do espírito público. De volta ao Brasil às pressas por conta morte do pai, em 1808, não teve condições de concluir o curso em Coimbra. Contudo, trouxe uma bagagem abarrotada de concepções renovadas sobre o bem comum e uma dose de inquietação política.

Já na casa dos trinta e cinco anos de idade, esteve envolvido na fundação da loja maçônica "Comércio e Artes" e do "Clube Recreativo e Cultural da Guarda Velha" – confrarias, onde discussões em torno de convicções liberais corriam soltas. Mas sua atuação política no cenário urbano do Rio de Janeiro vai se tornar evidente mesmo, a partir da intensa mobilização em favor da causa brasileira da Independência, nos primeiros anos da década de 1820.

Não apenas por conta do aparecimento do vibrante *Revérbero Constitucional Fluminense* – folha que atuava como um verdadeiro vetor de difusão de "ideias perigosas", como liberdade de expressão e direitos humanos –, mas também porque, na condição de democrata e republicano, organizou abaixo-assinados que renderam efeitos concretos nos rumos da política institucional. Foi o caso daquele que recebeu oito mil assinaturas, reivindicando a permanência do príncipe regente diante da decisão das Cortes portuguesas e que resultou no "Dia do Fico". Ou mesmo da representação, assinada seis mil vezes, que pedia a D. Pedro a convocação de uma Assembleia Constituinte. Ao ter notícia do abaixo-assinado, o príncipe chegou a admitir em carta ao pai que "o povo tem razão (...) sem Cortes o Brasil não pode ser feliz. (...) Leis feitas tão longe de nós por homens que não são brasileiros e que não conhecem as necessidades do Brasil não podem ser boas". Mais um ponto para o formato de ação política organizado

22 https://riomemorias.com.br/memoria/joaquim-goncalves-ledo-1781-1847/

por Gonçalves Ledo: em 3 de junho de 1822, foi expedido decreto convocando eleições para a Assembleia Geral Legislativa e Constituinte do Brasil.

Tido como um "liberal exaltado", no campo da causa brasileira da Independência, Joaquim Gonçalves Ledo representava uma elite "brasílica", da terra, patriótica e separatista, em contraposição a uma elite mais alinhada aos interesses de um império luso-brasileiro, que de certa forma mantinha relações com as Cortes de Portugal.

Foi dessa condição que Gonçalves Ledo se tornou a principal liderança intelectual de uma corrente política de oposição ao projeto centralizador de José Bonifácio. A disputa ganhou contornos definidos, a partir da fundação de lojas maçônicas para cada um dos grupos rivais – "Grande Oriente do Brasil" e "Apostolado da Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz"– e terminou escancarada de forma trágica quando, em novembro de 1822, Gonçalves Ledo foi acusado por José Bonifácio de conspiração e republicanismo. Teve fechados seu jornal e loja maçônica, foi ameaçado de morte e acabou tendo que fugir para Buenos Aires – numa operação arriscada, em que teve que se disfarçar de mulher e, depois, de frade. O episódio estremeceu ainda mais as relações entre D. Pedro I e Bonifácio. Mas o fato é que Gonçalves Ledo só retornou ao Brasil em novembro de 1823, após ser absolvido pelo Tribunal de Relações do Rio de Janeiro.

O liberal Joaquim Gonçalves Ledo ainda chegou a ser eleito deputado da Assembleia Provincial do Rio de Janeiro em 1822, enquanto ainda estava no exílio, e só assumiu a cadeira no ano seguinte. Em 1828, foi convidado por D. Pedro I para se tornar ministro e recebeu a Imperial Ordem da Rosa e o título de marquês. Contudo, recusou tanto o convite quanto as distinções reais. Abandonou a política e a maçonaria em 1834, para se recolher em uma fazendo na sua cidade natal, Cachoeiras de Macacu, onde morreu em 1847.

JOSÉ BONIFÁCIO RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO E SILVA

Naturalista [cientista], estadista e poeta, conhecido como Patriarca da Independência por seu papel decisivo na Independência do Brasil. Em 11/01/2018, foi declarado Patrono da Independência do Brasil.

Nascimento: 13/06/1763, Santos (SP)
Falecimento: 06/04/1838, Niterói (RJ)
Irmãos: Martim Francisco Ribeiro de Andrada
Formação: Universidade de Coimbra
Pais: Bonifácio José Ribeiro de Andrada, Maria Bárbara da Silva
Fonte: Wikipédia

DADOS DA BIOGRAFIA[23] (Extrato)

José Bonifácio foi um cientista brasileiro que desenvolveu sua carreira na Europa. Estudou em Coimbra, sua carreira de cientista durou mais de 30 anos e atuou em importantes cargos do governo luso.

Retornou ao Brasil e aproximou-se de D. Pedro, tornando-se uma figura importantíssima no processo de independência do Brasil. Atuou como político no Primeiro Reinado, foi exilado em 1823 e retornou em 1829. Era defensor da abolição da escravatura e da transformação do Brasil em uma monarquia constitucional com poder centralizado.

JUVENTUDE DE JOSÉ BONIFÁCIO

Pertencia a uma família de aristocratas de origem portuguesa, uma das famílias mais ricas da sua região. Os pais de José Bonifácio eram Bonifácio José de Andrada e Maria Bárbara da Silva. Sabe-se que o pai de José Bonifácio teve diversos empregos públicos, além de possuir terras, negócios e escravos. Aos 14 anos de idade, José Bonifácio foi enviado para São Paulo, cidade onde recebeu parte de sua educação. Teve aulas de diferentes áreas do conhecimento, como Gramática e Filosofia. Era um passo da preparação para conseguir se matricular em uma universidade em Portugal, já que no Brasil não existia nenhuma.

CARREIRA DE JOSÉ BONIFÁCIO COMO CIENTISTA

Aos 20 anos, foi para Portugal, matriculando-se na Universidade de Coimbra para cursar Direito. Ao longo do seu período em Coimbra, também estudou Matemática e Filosofia Natural. Teve uma formação muito sólida, estudando com professores de diferentes partes da Europa. Apesar disso, foi um crítico da qualidade do ensino em Coimbra.

No final da década de 1780, José Bonifácio tomou os primeiros passos para iniciar a carreira de cientista. Nos últimos anos daquela década, conseguiu finalizar seus estudos em Direito e em Filosofia Natural, ingressando na Academia de Ciências de Lisboa.

Em 1790, excursionou pela Europa para aprofundar os seus conhecimentos. Essa excursão foi realizada com recursos da Coroa portuguesa e nela José Bonifácio pôde estudar diferentes áreas do conhecimento, como Química, Mineralogia, Filosofia e História Natural. As viagens pela Europa

23 **Fonte:** Daniel Neves Silva (Professor de História) - https://brasilescola.uol.com.br/historiab/jose-bonifacio.htm#Resumo+sobre+Jos%C3%A9+Bonif%C3%A1cio

se estenderam por mais de dez anos, e quando retornou para Portugal em 1800, já era reconhecido como um grande cientista.

Em Portugal, José Bonifácio passou a trabalhar para a Coroa portuguesa. Atuou na Universidade de Coimbra, trabalhou como intendente-geral das Minas e Metais dos Reinos, foi membro do Tribunal de Minas, diretor das Casas da Moeda, Minas e Bosques e até chefe de força policial chegou a ser. A situação crítica de Portugal após a expulsão dos franceses [contra quem combateu] fez com que ele decidisse retornar ao Brasil.

RETORNO DE JOSÉ BONIFÁCIO AO BRASIL

Em 1819, José Bonifácio retornou ao Brasil, depois de passar mais de 30 anos no continente europeu. Aqui, encontrou um cenário bem diferente do que existia quando foi para Portugal, pois o Brasil havia passado por um grande processo de abertura e se transformado em Reino Unido por ordem de d. João VI.

José Bonifácio retornou ao Brasil porque seu irmão, Martim Francisco, ocupava uma importante posição na capitania de São Paulo, a de Diretor de Minas e Matas. José Bonifácio pôde realizar os estudos científicos que sempre desejou e, assim, estudar as matas, bosques e minérios do Brasil.

Realizou esse trabalho durante algumas semanas, mas o contexto daquele momento empurrou-o para a política brasileira. Com a Revolução Liberal do Porto, os liberais portugueses começaram a exigir o retorno do rei d. João VI e a instauração de uma monarquia constitucional. Representantes brasileiros foram eleitos para participar das Cortes Gerais, e a delegação de São Paulo levou propostas que foram sugestões de José Bonifácio.

As propostas eram a abolição da escravidão e a catequese dos indígenas - ele defendia a integração deles com a sociedade luso-brasileira. No que se refere à escravidão, José Bonifácio afirmava o seguinte: A sociedade civil tem por base primeira a justiça, e por fim principal a felicidade dos homens. Mas que justiça tem um homem para roubar a liberdade de outro homem, e o que é pior, dos filhos deste homem e dos filhos destes filhos?

A LUTA DE JOSÉ BONIFÁCIO PELA INDEPENDÊNCIA

A Revolução Liberal do Porto foi o evento que contribuiu diretamente para o processo de independência do Brasil, pois a elite liberal portuguesa desejava “recolonizar” o Brasil, revertendo todas as medidas promovidas por d. João VI durante o período em que ele residiu no Rio de Janeiro.

José Bonifácio defendia a aproximação luso-brasileira. Desejava que o Brasil mantivesse seus laços com Portugal, embora defendesse maior autonomia para o Brasil por meio de um governo encabeçado por Pedro de Alcântara. A intransigência dos portugueses na relação com o Brasil acabou levando José Bonifácio e, consequentemente, D. Pedro para o caminho da independência. Isso porque José Bonifácio **teve grande proximidade com D. Pedro durante** todo o processo de independência, influenciando-o consideravelmente. O conselheiro de D. Pedro ainda conseguiu impor algumas de suas visões para um Brasil independente: era defensor de uma monarquia constitucional, embora desejasse maior centralização política.

O nível de tensão entre Portugal e Brasil chegou ao ápice em setembro de 1822, quando uma carta chegou de Portugal exigindo o retorno imediato de D. Pedro. José Bonifácio identificou a urgência dessa situação e enviou as notícias para D. Pedro, em viagem a São Paulo. As cartas vindas de Portugal também ordenavam a prisão de José Bonifácio e ele aproveitou a situação para

incentivar D. Pedro a declarar a independência do Brasil, o que aconteceu em 7 de setembro de 1822, dia em que o regente recebeu as cartas enviadas por José Bonifácio.

ÚLTIMOS ANOS DE JOSÉ BONIFÁCIO

Durante o Primeiro Reinado, o **renome de José Bonifácio com D. Pedro I começou a declinar até chegar ao ponto em que o antigo conselheiro do imperador foi expulso do Brasil**. José Bonifácio e seus aliados tinham visões políticas próprias, mas o imperador preferiu aproximar-se do "partido português", que desejava que D. Pedro I tivesse poderes absolutos.

O afastamento de José Bonifácio aconteceu em 1823, e o ex-conselheiro do imperador exilou-se do Brasil depois que D. Pedro I realizou o fechamento da Assembleia Nacional Constituinte. Em seu exílio, José Bonifácio foi residir na França, permanecendo na Europa até 1829. Nesse ano, ele recebeu o perdão, podendo voltar ao Brasil.

A reaproximação de José Bonifácio e D. Pedro I rendeu ao primeiro a indicação de tutorar o filho de D. Pedro I, em preparação para assumir o trono brasileiro. As disputas políticas fizeram com que ele perdesse a posição de tutor de Pedro de Alcântara em 1833. Foi preso e levado à força para a província do Rio de Janeiro, local onde faleceu em 6 de abril de 1838, aos 74 anos.

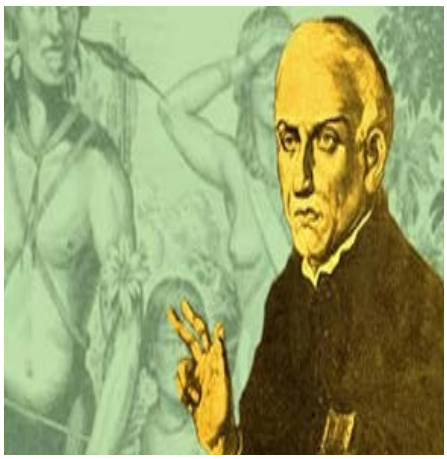
NOTAS

|1| MOTA, Carlos Guilherme. Ideias de Brasil: formação e problemas (1817-1850). In.: MOTA, Carlos Guilherme (org.). Viagem incompleta: a experiência brasileira. São Paulo: Editora Senac, 1999, p. 202.

JOSÉ DE ANCHIETA – O Apóstolo do Brasil

Padre jesuíta espanhol que ingressou na Companhia de Jesus no Reino de Portugal, ficando ao seu serviço, e um dos fundadores das cidades brasileiras de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Nascimento: 19/03/1534, San Cristóbal de La Laguna, Espanha
Falecimento: 09/06/1597, Anchieta (ES)
Formação: Universidade de Coimbra
Sepultamento: Palácio Anchieta - Vitória (ES)
Pais: Mencia Díaz de Clavijo y Llarena, Juan Anxieta y Zelaiaran
Beatificação: 22/06/1980, no Vaticano, pelo Papa João Paulo II e canonizado e 2014.
Fonte: Wikipédia



BIOGRAFIA[24] (Extrato)

[-] estudou no Colégio das Artes, em Coimbra, e entrou para a Companhia de Jesus[25]. Chegou ao Brasil, em 13 de julho de 1553, com a missão de catequizar os índios. Usou suas poesias e peças de teatro, para auxiliar na conversão dos indígenas ao catolicismo, e escreveu a primeira gramática de tupi [-]. Em 1548, Anchieta, que estudava latim desde os sete anos de idade, foi para Coimbra (Portugal), onde estudou no Colégio das Artes.

Em 1551, entrou para a Companhia de Jesus. Por essa época, adquiriu uma doença crônica, a tuberculose óssea, que provocou uma curvatura em suas costas. Com 19 anos, mudou-se para o Brasil, chegando a Salvador em 13 de julho de 1553, com a missão de catequizar os índios.

No Brasil, os jesuítas fundaram o Colégio de Piratininga, onde Anchieta foi professor de latim, a partir de 1554. Para o trabalho de catequese, aprendeu o tupi para se comunicar com os índios. Assim, em 1555, escreveu a primeira gramática de tupi, publicada quatro décadas depois.

Durante a revolta indígena conhecida como Confederação dos Tamoios, apoiada pelos franceses, o padre Manuel da Nóbrega (1517-1570) e José de Anchieta foram para Iperoig, com a missão de conseguir a paz entre índios e portugueses. Para evitar o ataque dos portugueses, Anchieta ficou como refém dos índios durante sete meses.

Os defensores de Anchieta afirmam que ele defendia os índios da crueldade dos colonizadores portugueses. No entanto, de acordo com Antônio Torres, em seu livro *Meu querido canibal*, Anchieta, quando "se descobria impotente na sua missão evangelizadora, proclamava aos ouvidos de seus superiores civis, militares e eclesiásticos que a melhor catequese eram a espada e a vara de ferro". Ainda segundo Torres, quem "convenceu Mem de Sá a liquidar os tamoios de uma vez por todas foi o jesuíta José de Anchieta, o que tinha por missão a evangelização e pacificação dos índios". Na hora "do acerto de contas, largou o rosário e o missal para assumir um lugar de soldado atrás das barricadas".

24 https://brasilescola.uol.com.br/literatura/jose-anchieta.htm

25 A Companhia de Jesus, cujos membros são conhecidos como jesuítas, é uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Íñigo López de Loyola, conhecido posteriormente como Santo Inácio de Loyola. A Congregação foi reconhecida por bula papal em 1540. Wikipédia

Em 1565, na guerra entre portugueses e franceses, na Baía de Guanabara, Anchieta trabalhou como enfermeiro e assumiu a missão de cuidar dos portugueses feridos em combate. Nesse ano, foi para a Bahia, estudou teologia e, em 1566, foi ordenado padre.

De volta à Baía de Guanabara, em 1567, assistiu à derrota dos franceses e, nos anos seguintes, permaneceu na capitania de São Vicente (SP). Até que, em 1577, tornou-se provincial da Companhia de Jesus no Brasil, função que realizou durante os próximos dez anos. Depois se mudou para o Espírito Santo e, no final da vida, em 1596, foi morar em Reritiba, onde morreu em 9 de junho de 1597, com 63 anos. Séculos depois, no dia 22 de junho de 1980, foi beatificado pelo papa João Paulo II. Em 3 de abril de 2014, foi canonizado pelo papa Francisco e se tornou santo da Igreja Católica."

OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS (Extrato)[26]

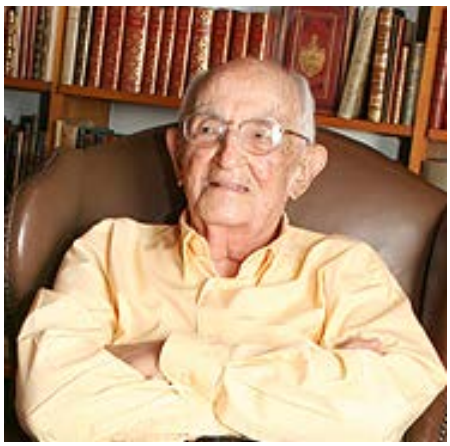
Com a finalidade de ensinar e catequizar os nativos, José de Anchieta participou da fundação do colégio da vila de São Paulo, que viria a ser mais tarde a própria cidade de São Paulo. Além de padre jesuíta, Anchieta foi historiador, gramático, teatrólogo, poeta, merecendo lugar de destaque na literatura brasileira, dada a riqueza e relevância dos seus trabalhos.

Anchieta escreveu Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões publicados pela Academia Brasileira de Letras em 1933. Escreveu, ainda, os autos: Auto Representado na Festa de São Lourenço, Na Vila de Vitória e Na Visitação de Sta. Isabel. Dentre suas obras mais conhecidas se distingue o Poema à Virgem, escrito durante o tempo em que se fez refém dos índios enquanto era negociada a paz entre indígenas e portugueses, e a Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil, gramática sobre o tupi que foi utilizada na missão jesuíta. O Poema à Virgem tem mais de cinco mil versos. Anchieta decorou todos os versos, escritos na areia da praia de Ubatuba e, somente meses mais tarde, transcreveu-os para o papel em São Vicente, primeira vila do Brasil.

Uma das principais estradas de São Paulo recebe o nome de Rodovia Anchieta [liga São Paulo a Santos].

26 https://www.todamateria.com.br/padre-anchieta/

JOSÉ EPHIM MINDLIN



Foi repórter, advogado, empresário, escritor e bibliófilo (colecionador de livros). Acadêmico da Academia Brasileira de Letras – cadeira 29, em 2006, sucedendo Josué Montello.

Nascimento: 08/09/1914, São Paulo (SP)
Falecimento: 28/02/2010, São Paulo (SP)
Formação: Faculdade de Direito da USP - 1936
Fonte: Wikipédia

BIOGRAFIA[27] (Extrato)

Mindlin foi redator d'*O Estado de São Paulo* de 1930 a 1934. Advogou até 1950, quando foi um dos fundadores e presidente da empresa Metal Leve S/A, pioneira em pesquisa e desenvolvimento tecnológico próprio no seu campo de atuação. Em sua atividade empresarial desenvolveu grande esforço em prol do avanço tecnológico brasileiro e no processo de exportação de produtos manufaturados brasileiros.

De interesses muito diversificados, tanto no campo cultural, como da educação, da economia, da política (não partidária), da ciência e da vida empresarial, atuou por muitos anos em todos esses setores, fazendo parte de numerosos Conselhos e entidades, no Brasil e no exterior.

Foi membro do Conselho Superior da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) de 1973 a 1974; de 1975 a 1976, diretor do Conselho de Tecnologia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, quando estruturou a carreira de pesquisador. Foi um dos fundadores da UNIEMP, entidade destinada a promover a aproximação entre a Universidade e a Empresa, da qual atualmente foi Presidente Honorário. Fez parte do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia – CNPq, do Instituto de Pesquisa Tecnológica, e da Comissão Nacional de Tecnologia da Presidência da República. Foi durante muitos anos Vice-presidente da FIESP, tendo sido Diretor Titular do Departamento de Comércio Exterior e do Departamento de Tecnologia. Foi também membro do Conselho Internacional da FIAT, do Conselho Internacional do Unibanco e do Conselho do Banco de Montreal.

Foi membro colaborador da Academia Brasileira de Ciências e membro do Conselho de vários museus brasileiros, como o Museu de Arte Sacra de São Paulo, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e o Museu Lasar Segall; membro honorário do Conselho Internacional do Museu de Arte Moderna de Nova York. Foi também presidente da Fundação Crespi Prado, membro do Conselho da Sociedade Amigos da Biblioteca Nacional e da Casa de Cultura de Israel, presidente da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo e membro do Conselho da *Vitae* – Apoio à Cultura, Educação e Programas Sociais. Foi membro emérito da Diretoria da John Carter Brown Library, de Providence, R.I., dos Estados Unidos, uma das principais bibliotecas do mundo de livros raros sobre as Américas, e da Associação Internacional de Bibliófilos,

27 Academia Brasileira de Letras: https://www.academia.org.br/academicos/jose-mindlin/biografia

com sede em Paris. Foi presidente do Conselho da Aliança Francesa de São Paulo e do Conselho Editorial EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo).

Recebeu o título de Professor Honorário da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas, e o título de Doutor Honoris Causa em Letras pela Brown University, de Providence, R.I., nos Estados Unidos, pela Universidade de Brasília, Universidade da Bahia, Universidade de Tocantins e Universidade de São Paulo. Foi membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco e da Academia de Letras da Bahia.

Recebeu o Prêmio Juca Pato como Intelectual do Ano de 1998, bem como numerosos e variados prêmios e condecorações, no Brasil e no exterior, destacando-se em 2003 o Prêmio UNESCO Categoria Cultura e a Medalha do Conhecimento concedida pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, com apoio do CNI e Sebrae Nacional, além do Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras. Foi eleito, em 1999, membro da Academia Paulista de Letras.

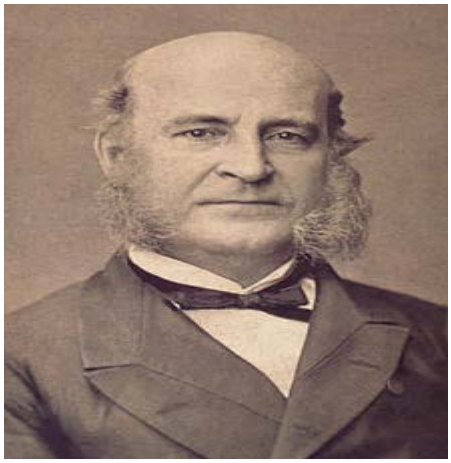
Foi casado com Guita Mindlin, nascida em 2 de agosto de 1916 e falecida em 25 de junho de 2006, com quem teve quatro filhos.

José e Guita compartilharam ao longo da vida a paixão pelos livros, que levou o casal a formar uma das mais importantes bibliotecas privadas do país, que Mindlin começou a formar aos 13 anos e chegou a ter 38 mil títulos. Em maio de 2006, o casal fez a doação de cerca de 15 mil obras da Biblioteca Brasiliana para a USP. No conjunto doado à USP, constam obras de literatura, história, sociologia, poesia. Dentre as raridades estão documentos do século XVI como as primeiras impressões que padres jesuítas tiveram do Brasil, jornais anteriores à Independência e manuscritos que resgatam a gênese literária de grandes obras, como *Sagarana*, de Guimarães Rosa, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

José Mindlin promoveu edições de cerca de 40 livros e revistas de arte e literatura, e de bibliografia brasileira. Publicou numerosos artigos e fez inúmeras conferências no Brasil e no exterior, em associações e universidades, sobre todos os assuntos de que se ocupava. Foi o autor de *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo* e *Memórias esparsas de uma biblioteca*. Lançou em 1998 o CD *O prazer da Poesia*.

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS – Visconde do Rio Branco

Estadista, diplomata, militar e jornalista. Filho de família rica [-] É considerado por muitos historiadores como um dos maiores estadistas do Brasil.



Nascimento: 16/03/1819, Salvador (BA)
Falecimento: 01/11/1880, Rio de Janeiro (RJ)
Filhos: José Maria da Silva Paranhos Júnior (futuro Barão do Rio Branco) e Alfred da Silva-Paranhos
Partido: Partido Conservador
Livros: A convenção de 20 de fevereiro: demonstrada à luz dos debates do senado e dos sucessos da Uruguayana,
Fonte: Wikipédia

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS, VISCONDE DO RIO BRANCO[28] (Extrato)

Por Louise Gabler

Filho de Josefa Emerenciana de Barreiros e Agostinho da Silva Paranhos, família importante em Salvador, sendo o pai um rico comerciante português. Com a morte do pai, a família enfrenta dificuldades financeiras, tendo se mudado para o Rio de Janeiro para viver com o irmão de sua mãe, o coronel de engenheiros Euzébio Gomes Barreiros.

Iniciou os estudos na Bahia, onde fez o curso primário (1825-1831) e aulas complementares (1831-1835). Em 1836 iniciou seus estudos no Rio de Janeiro, na Academia dos Guardas-Marinhas e na Escola Militar, graduando-se em ciências matemáticas e iniciando sua carreira no magistério. A partir de 1843 inicia carreira de professor na Academia dos Guardas-Marinhas e, em 1845, também na Escola Militar, onde alcançou o cargo de diretor (1875), tendo se jubilado no lugar de lente catedrático (1877).

Atuou como redator do periódico liberal *Novo Tempo* e depois no *Jornal do Commercio*, de caráter mais moderado, e o *Correio Mercantil,* de linha conservadora. Sua carreira na imprensa, aliada ao apadrinhamento de Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, o Visconde de Sepetiba, direcionaram sua trajetória para a política.

Em 1845, tornou-se deputado provincial pelo Partido Liberal, logo em seguida foi secretário, vice-secretário, vice-presidente e presidente interino da província do Rio de Janeiro.

Ocupou os cargos de deputado provincial (1848 e 1853-1856) e deputado geral (1848, 1854-1856, 1857-1860 e 1861-1862). Foi presidente da província do Rio de Janeiro (1858-1859) e, a partir de 1862, senador pela província de Mato Grosso, cargo exercido até sua morte. Atuou na chamada Missão do Prata como secretário, convidado por Honório Hermeto Carneiro Leão, o Marquês de Paraná, onde iniciou sua carreira diplomática (1851), tendo sido ainda ministro residente em Montevidéu (1852).

Ingressou, em 1853, no Partido Conservador, onde fez brilhante carreira. Assumiu diversas vezes o cargo de ministro de Estado nas pastas da Marinha (1853-1855 e 1856-1857), dos Negócios

28 Arquivo Nacional MAPA - MEMÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA (21/02/2019) http://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/645-jose-maria-da-silva-paranhos-visconde-do-rio-branco

Estrangeiros (1855-1857 e 1858-1859), Fazenda (1861-1862 e 1871-1875), e da Guerra (1871). Foi membro do Conselho de Estado (1866) e desempenhou o cargo de presidente do Conselho de Ministros (1871-1875).

Foi chefe da legação nas negociações de paz na região do Prata (1869-1870), ao final da Guerra do Paraguai (1864-1870), tendo como secretário seu filho, José Maria da Silva Paranhos Júnior, [o relevante êxito] lhe garantiu o título de Visconde (1870).

Seu gabinete no Conselho de Ministros promoveu diversas mudanças, como a aprovação da Lei do Ventre Livre (1871) [para a qual seu esforço foi decisivo], o estímulo à entrada de imigrantes, as leis de controle do trabalho livre e a lei de naturalização, a reforma do Código do Processo Criminal (1871), a reforma no Código Comercial e a aduaneira, a padronização do sistema métrico e a reforma educacional (1874).

Integrou várias associações e academias, foi grão-mestre da Grande Oriente do Brasil, a maior loja maçônica brasileira, presidiu o Montepio de Economia dos Servidores do Estado e a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, foi vice-presidente do Instituto Politécnico, membro da Academia Real de Ciências de Lisboa, da Imperial Academia das Belas-Artes e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, entre outros.

Recebeu diversas comendas como a Imperial Ordem do Cruzeiro do Sul, a Imperial Ordem da Rosa, a Ordem Nacional da Legião de Honra e a Grã-Cruz da Ordem de Leopoldo.

Legado[29]: Sua morte foi recebida com muita tristeza por toda a nação. Nas palavras de Pedro II, ela foi *uma grande perda para o Brasil*. No dia seguinte de seu falecimento mais de vinte mil pessoas foram para as ruas do Rio de Janeiro acompanhar a grandiosa procissão fúnebre. [-] O historiador José Murilo de Carvalho afirmou que Rio Branco foi sem dúvida *o mais completo estadista da* época. Ronaldo Vainfas escreveu que ele era um *típico conservador modernizante, que procurou implementar as reformas propagandeadas pelos liberais, esvaziando o programa político da oposição*.

29 Fonte Wikipédia: Foi o presidente [do Conselho de Ministros] que por mais tempo ininterruptamente ocupou o cargo, com seu gabinete sendo o segundo de maior duração na história brasileira. Seu governo ficou marcado por uma época de prosperidade econômica e da adoção de várias reformas necessárias [-]

JOSÉ PLÁCIDO DE CASTRO

Plácido de Castro foi um político e militar idealista brasileiro, que liderou da Revolução Acreana de libertação da Bolívia, e que governou a República do Acre até sua anexação ao Brasil por aquisição.

Nascimento: 9 de setembro de 1873 e São Gabriel (RGS)
Falecimento: 11 de agosto de 1908 no Acre
Presidente: Presidente da República do Acre (24/12/1900 a 24/01/1903), quando o Território do Acre foi anexado ao Brasil, que o adquiriu junto à Bolívia.

Era filho do capitão Prudente da Fonseca Castro, veterano das campanhas do Uruguai e Paraguai, e de Dona Zeferina de Oliveira Castro. Recebeu o nome do avô José Plácido de Castro, major paulista que, após combater na Campanha Cisplatina, trocou o chão paulista pelo do Rio Grande do Sul. Um de seus bisavós, Joaquim José Domingues, participou da conquista das Missões em 1801, quando aquela região foi incorporada ao território português.

CARREIRA MILITAR E REVOLUÇÃO FEDERALISTA

Plácido começou a trabalhar aos 12 anos - quando perdeu o pai - para sustentar a mãe e seis irmãos. Aos 16 anos, ingressou na vida militar chegando a 2° sargento do 1° Regimento de Artilharia de Campanha, conhecido como "Boi de Botas", em São Gabriel, hoje quartel do 6° Batalhão de Engenharia de Combate.

Quando foi deflagrada a Revolução Federalista (1893), encontrava-se na Escola Militar do RGS. Um grupo de oficiais e cadetes pediu o fechamento da escola ao presidente Floriano Peixoto, para que pudessem participar, com as forças legais, no combate à Revolução Federalista. Plácido discordava da maioria: acreditava que Deodoro da Fonseca, o presidente anterior, não deveria ter sido substituído por Floriano Peixoto; que deveria ter havido eleições diretas e não a posse do então vice-presidente. Lutou ao lado dos Maragatos, chegando ao posto de Major. Com a derrota para os "Pica-paus", que defendiam Floriano Peixoto, abandonou a carreira militar e recusou a anistia oferecida aos envolvidos na Revolução.

Mudou-se para o Rio de Janeiro onde foi inspetor de alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Tempos depois, foi fiscal no porto de Santos, em São Paulo e, voltando ao Rio, obteve o título de agrimensor. Do Rio de Janeiro, viajou para o Acre em 1899, para tentar a sorte como agrimensor.

ACRE E REVOLUÇÃO ACREANA

Existia no Acre, desde os tratados de 1750 e 1777 uma questão territorial de limites com a Bolívia. Pelos tratados, o Acre pertencia à Bolívia. Porém, com o ciclo da borracha, muitos brasileiros se fixaram na região. Por causa disso, houve impasses entre o Brasil e a Bolívia a respeito do território. A Bolívia alegava que os brasileiros invadiram seu território e o governo brasileiro reconhecia a soberania boliviana. Os brasileiros que ali habitavam(a maioria nordestina) não aceitavam a situação e proclamaram o Estado Independente do Acre em 1899, comandados pelo

espanhol Luis Gálvez Rodríguez de Arias. Sabendo disso, o governo brasileiro enviou tropas que dissolveram a República do Acre e Luís Gálvez foi deposto.

Nessa época, a Bolívia organizou uma pequena missão militar para ocupar a região. Ao chegar em Porto Acre, ela foi impedida pelos seringueiros brasileiros de continuar o seu deslocamento. Os brasileiros receberam apoio do governador do Amazonas, Silvério Néri, que enviou uma nova expedição, a Expedição dos Poetas, sob o comando do jornalista Orlando Correa Lópes. Porém, após os "poetas" proclamarem novamente o Estado Independente, eles foram derrotados pelas tropas bolivianas.

Em meio disso tudo, Luis Gálvez - que estava sendo refugiado para Recife - divulgou nos jornais de Manaus sobre um suposto contrato entre a Bolívia e os Estados Unidos, para o arrendamento do Acre. O contrato arrendava, por 30 anos, a região acreana, destinando 60% dos lucros para a Bolívia e os 40% restantes para o Bolivian Syndicate, um conglomerado anglo-americano sediado em Nova York e presidido pelo filho do então presidente dos Estados Unidos na época, William McKinley. O acordo autorizava o emprego de força militar como garantia de seus direitos na região, onde os Estados Unidos se comprometiam a fornecer todo o armamento que necessitava e a opção preferencial de compra do território arrendado, caso viesse a ser colocado à venda. A Bolívia também se comprometia em, no caso de uma guerra, entregar a região aos Estados Unidos.

Plácido de Castro estava demarcando o seringal *Victoria'*, quando ficou sabendo do acordo pelos jornais, e viu nisto uma ameaça à integridade do Brasil. Iniciou então um movimento armado contra a Bolívia pela posse da região. Enquanto arregimentava combatentes, o governo do Brasil reconheceu os direitos bolivianos sobre o Acre.

O governo boliviano enviou um contingente de 400 homens, comandados por Rosendo Rojas. Plácido, com 60 seringueiros, enfrentou a tropa, venceu as guarnições bolivianas em Empreza (atual Rio Branco) e Puerto Alonso (atual Porto Acre), onde se renderam o general Ibañez e seus soldados. O presidente da Bolívia, general José Manuel Pando, decide então acabar com a revolta e, no comando das tropas, vai ao ataque, sem sucesso.

Plácido, que na época tinha 27 anos de idade, liderou a forte revolução com mais de 30 mil homens, vencendo as tropas bolivianas, com quase 100 mil soldados e proclamando, pela terceira vez, o Estado Independente do Acre, tornando-se presidente do novo país [mas com a declarada intenção de se incorporar ao Brasil].

Em 1903, através do Tratado de Petrópolis, o Acre foi anexado ao Brasil. Em 1906 Plácido foi nomeado governador do Território do Acre. Depois, viajou para o Rio de Janeiro, para visitar a família. Na então capital federal, ofereceram-lhe os galões de coronel da Guarda Nacional, mas Plácido rejeitou. Ao retornar, Plácido foi nomeado prefeito da Região do Alto Acre.

MORTE

Em 9 de agosto de 1908, Plácido de Castro se dirigia à sua propriedade quando foi ferido mortalmente numa emboscada por mais de uma dezena de jagunços sob a liderança de Alexandrino José da Silva, o subdelegado das tropas acreanas na Revolução Acreana. Dizia-se que o coronel Alexandrino estava insatisfeito com a sua posição no Acre, num posto bem menor que o de Plácido. Próximo à propriedade do seu assassino, erguido pelos amigos de Plácido de Castro, há um pedaço de mármore assinalando o local da emboscada. O heroico brasileiro está sepultado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre.

HOMENAGENS

Um século depois o Brasil fez justiça ao bravo herói. Em 17 de novembro de 2004, Plácido de Castro — o Libertador do Acre — foi entronizado no Panteão da Pátria e da Liberdade e o seu nome inscrito no *Livro dos Heróis da Pátria*. O Panteão da Pátria, um espaço para homenagear os heróis nacionais, está no subsolo da Praça dos Três Poderes em Brasília.

Em 1976, foi criado um município denominado Plácido de Castro, em sua homenagem, a 100 Km de Rio Branco. O município, por lei, foi considerado cidade-irmã de São Gabriel, berço do heroico gaúcho. Em 1973, quando do centenário de nascimento, foi inaugurado um busto em sua homenagem na Praça Nações Unidas, em Porto Alegre.

PATRONO DE QUARTEL DO EXÉRCITO BRASILEIRO E DA POLÍCIA MILITAR DO ACRE

Conforme a Portaria Ministerial nº 1.270 do Ministério do Exército, de 04 dezembro de 1987, o Comando de Fronteira Acre/4º Batalhão de Infantaria de Selva, em Rio Branco recebeu a denominação histórica Batalhão Plácido de Castro. O intrépido gaúcho também é Patrono da Polícia Militar do Acre.

FONTE: WIKIPÉDIA

MARIA ESTHER BUENO

Conhecida no exterior como Maria Bueno, foi uma tenista brasileira, que atuou nas décadas de 1950, 1960 e 1970, sendo uma das raras tenistas a conquistar títulos em três décadas diferentes.

Nascimento: 11/10/1939, São Paulo (SP)
Falecimento: 08/06/2018, São Paulo (SP)

Grand Slams vencidos (simples): 7
Altura: 1,70 m
Fonte: Wikipédia

BIOGRAFIA[30] (Extrato)

Segundo o jornalista esportivo José Nilton Dalcim: "*Maria Esther Bueno é a maior atleta feminina brasileira de todos os tempos. Seus feitos são incríveis e seu reconhecimento internacional, imenso. Sem falar que foi um exemplo de como superar dificuldades para obter sucesso*".

Maior nome do tênis brasileiro (incluindo homens e mulheres), eleita a melhor tenista do século XX da América Latina e incluída em 2012 na posição 38 entre os 100 Melhores Tenistas da história (incluindo homens e mulheres) pelo canal Tennis Channel. Em seus 20 anos de carreira, colecionou 589 títulos internacionais, dos quais se destacam a conquista dos torneios individuais de Forest Hills (atual US Open), em 1959, 1963, 1964 e 1966, e os de duplas de 1960, 1962, 1968. Ao todo, Bueno venceu dezenove torneios do Grand Slam (sete na categoria simples; onze em duplas femininas; um em duplas mistas). Segundo a Federação Internacional de Tênis, foi a n.º 1 do mundo em 1959, na categoria individual feminina. O International Tennis Hall of Fame também a incluiu como a melhor tenista do mundo, em 1964 (depois de perder a final no Torneio de Roland-Garros e ganhar Wimbledon e o U.S. Open) e 1966.

Em 1960, entrou para a história como a primeira mulher a ganhar o Grand Slam de tênis, ou seja, a conquistar os quatro Grand Slams jogando em duplas num mesmo ano (três com Darlene Hard e um com Christine Truman Janes).

Seu nome está no Livro dos Recordes: na final do US Open de 1964, contra a americana Carole Caldwell Graebner, Maria Esther venceu a partida em apenas dezenove minutos. Além disso, sua vitória sobre Margaret Court na final individual de Wimbledon, em 1964, é considerado por muitos um dos dez jogos mais emocionantes da história do tênis.

Ganhou a alcunha de A Bailarina do Tênis por conta da elegância do estilo de jogo. Outra marca registrada era a sua potência no saque.

PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS PAN-AMERICANOS

Sua primeira participação foi em 1955, na cidade do México, com apenas quinze anos. Conquistou uma medalha de bronze nas duplas femininas.

30 Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Esther_Bueno

Nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963, era favorita a conquistar três ouros. Mas, nas vésperas do torneio, foi mordida por um cachorro e teve um de seus dedos da mão direita rasgados. Foi preciso fazer vários pontos e visitas diárias ao hospital durante o torneio para poder jogar (mesmo assim, com muita dificuldade para segurar a raquete). Conquistou o ouro no individual e a prata nas duplas feminina e mista.

Segundo a própria [-] Foi muito importante jogar e ganhar em São Paulo, minha cidade, um torneio de prestígio como o Pan-Americano. Todos os meus maiores resultados tinham sido fora do Brasil[-] Foi uma boa chance de o público poder acompanhar mais de perto minhas performances".

1966 A 1969 - PRIMEIRA APOSENTADORIA

Em 1966, conquista o tetracampeonato nos EUA. Foi vice Wimbledon, perdendo a final para Billie Jean King. Ao lado de Nancy Richey, fatura duplas em Wimbledon e EUA. Termina a temporada com mais quatro títulos de simples e dois de duplas.

No ano seguinte, sua carreira praticamente terminou por conta de uma contusão no braço direito. Numa época em que não havia o tie-brake, ela jogou por mais de dez horas seguidas em partidas de duplas e duplas mistas de Wimbledon, que lhe provocou uma epicondilite, inflamação no tendão do cotovelo. Continuou jogando até que, em 1968, ouviu de médicos que não voltaria a jogar. Mesmo assim, em 1967 foi vice de duplas e duplas mistas em Wimbledon. Termina a temporada com apenas duas conquistas e um vice de simples. Em 1968, fatura seu último título de Grand Slam, jogando ao lado de Margaret Court, na chave de duplas do US Open. Em simples, ganha dois torneios em quatro finais. Em 1969, as paradas são cada vez mais constantes e longas. Chega a apenas uma final, em Caracas.

DÉCADA DE 1970 - RETORNO E APOSENTADORIA DEFINITIVA

Ela voltaria a jogar na década de 1970 após várias cirurgias, mas sem o sucesso de antes. Mesmo longe de seu auge, conquistou o Aberto do Japão de 1974, seu último título internacional. 1977 foi sua última temporada: chegou à final em Dublin, caiu na terceira rodada de Wimbledon e na segunda do US Open. Em outubro, em São Paulo, é eliminada na segunda partida e anuncia seu abandono definitivo das quadras, aos 38 anos.

ACONTECIMENTOS PÓS-APOSENTADORIA

Em 1978, foi homenageada com a inclusão de seu nome na galeria do International Tennis Hall of Fame. Foi a primeira mulher sul-americana a figurar neste Hall da Fama, honraria conquistada por apenas duas tenistas: Esther Bueno e a argentina Gabriela Sabatini. Ainda em 1978, ganhou uma estátua de cera no museu londrino Madame Tussauds, considerado grande honraria para os ingleses.

ESTILO E CARACTERÍSTICAS DE JOGO

Na Tennis Encyclopedia, o jornalista Bud Collins escreveu: "voleando lindamente, jogando com ousadia de tirar o fôlego, a ágil brasileira se tornou a primeira sul-americana a ser campeã de Wimbledon em simples". Já Gwen Robyns, no livro In Wimbledon: The Hidden Dream relata: "ela parecia um gato siamês exótico quando se movia pela quadra. Maria era sinuosa, sensual e feminina. Eles a chamavam de Rainha de Wimbledon".

Além de revolucionar o modo de jogar do tênis feminino, Maria Esther Bueno também ditou moda. Ela ousou e mexeu na tradição do visual mais do que qualquer outra tenista anterior. Uma de suas grandes parcerias neste ponto foi com o estilista britânico Ted Tinling, que causou alvoroço com a introdução do 'short' por baixo de saias acima do joelho. Com Ted, ela levou para as quadras cortes modernos, distantes das saias longas e pregueadas, padrão para o esporte à época.

MARIA QUITÉRIA

Maria Quitéria de Jesus foi uma combatente baiana da Guerra da Independência do Brasil. Desde 1996, é a patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro e, desde 2018, integra o Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

Nascimento: 27 de julho de 1792, Feira de Santana, Bahia
Falecimento: 21 de agosto de 1853, Salvador, Bahia
Pais: Gonçalo Alves de Almeida, Quitéria Maria de Jesus
Sepultamento: 21 de agosto de 1853, Igreja Matriz de Santana, Inhumas, Goiás

COMBATENTE BAIANA DA GUERRA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL[31]

Maria Quitéria de Medeiros marcou a história do Brasil ao lutar contra portugueses que não aceitavam a independência do país em 1822.

Ela nasceu em um distrito de Feira de Santana, que atualmente leva seu nome. Tornou-se órfã de mãe quando tinha apenas 6 ou 7 anos e foi criada, então, pela terceira esposa de seu pai, Maria Rosa de Brito.

Quando militares da Bahia pediram o auxilio de voluntários para a guerra contra os lusos que não desejavam a independência brasileira, o pai de Maria Quitéria afirmou ser muito velho para lutar. A filha e uma irmã gostariam de participar, assim, vestindo os trajes do irmão de sua irmã e referida apenas como Soldado Medeiros, a jovem Maria Quitéria com apenas 20 anos se alistou ao Regimento de Artilharia.

Ela foi enviada ao Batalhão de Voluntários do Príncipe, que ficou conhecido como Batalhão dos Periquitos, onde atuou entre outubro de 1822 e a metade de 1823 – durante este período seu sexo biológico provavelmente teria sido descoberto. Durante sua atuação teve sucesso e deixou a imagem de heroísmo e valor, ao que foi premiado quando em março de 1823 foi requisitada uma farda especial própria para ela, assim como uma espada.

Logo que foi sentida sua falta na casa de seu pai, este procurou retirá-la do campo de batalha, mas ela optou por permanecer guerreando em nome de sua Pátria. Em junho de 1823 a luta havia sido encerrada e o grupo em que caminhava Maria Quitéria entrou em Salvador vitorioso, com calorosa recepção do povo local.

Sua história de glória a levou à corte, então já no Rio de Janeiro, onde foi apresentada a D. Pedro I e recebeu a Ordem Imperial do Cruzeiro, bem como foi elevada a alferes. Isto lhe permitia um soldo mais alto, e ela retornou a sua terra natal, onde se casou com o Gabriel Pereira. Faleceu aos 61 anos, já praticamente cega, em Salvador.

A soldada Medeiros é considerada a primeira mulher a se alistar no Exército Brasileiro. Em 1996, foi reconhecida como Patronesse do Quadro Complementar de Oficiais do Exército pelo então

31 **Fonte:** Wikipédia, Donzelas Guerreiras. Maria Quitéria, a Soldada Medeiros – Elen Biguelini* – Claudemir Pereira, Facebook Twitter Linkedin Reddit Skype Messenger

presidente Fernando Henrique Cardoso. Em 2018 foi oficialmente instituída no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

Muitas cidades têm nomes de ruas em sua homenagem e a pequena localidade em que nasceu atualmente também se chama Maria Quitéria.

**Elen Biguelinié doutora em História (Universidade de Coimbra, 2017) e Mestre em Estudos Feministas (Universidade de Coimbra, 2012), tendo como foco a pesquisa na história das mulheres e da autoria feminina durante o século XIX. Ela escreve semanalmente aos domingos, no Site.*

MAIS SOBRE ESTA PERSONAGEM:

Biografia no Brasil Escola: https://brasilescola.uol.com.br/biografia/maria-quiteria.htm "Maria Quitéria, a primeira mulher a se alistar no Exército Brasileiro", Revista Galileo: https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/08/maria-quiteria-primeira-mulher-se-alistar-no-exercito-brasileiro.html

*A imagem que ilustra o artigo é um retrato póstumo de Maria Quitéria de Jesus Medeiros, de **Domenico Failutti**.*

MARTIM AFONSO DE SOUZA

Foi um nobre, militar e administrador colonial português. Primeiro donatário da Capitania de São Vicente e governador da Índia.

Jaz no Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa.

Nasceu 1500, Vila Viçosa, Portugal
Falecimento: 1564, Lisboa
Pais: Lopo de Sousa, 2.º senhor do Prado, e Brites de Albuquerque
Fonte Wikipédia

BIOGRAFIA DE MARTIM AFONSO DE SOUSA[32]

Dilva Frazão Biblioteconomista (UFPE) e Professora do Ensino Fundamental

Martim Afonso de Sousa (1500-1571) foi militar português, comandante da primeira expedição colonizadora, enviada ao Brasil, pelo rei de Portugal D. João III, no ano de 1530. Foi nomeado conselheiro da Coroa. Primeiro donatário da Capitania de São Vicente.

Nasceu na época das grandes navegações. De família nobre, foi amigo de Dom João, quando crianças. Estudou matemática, cosmografia e navegação.

Com a morte do rei Dom Manuel, Dom João III torna-se rei. Designa o amigo Martim, em missão oficial, para acompanhar Dona Leonor, viúva de Dom Manuel, que regressava à Castela, sua terra natal.

Em terras espanholas, acompanha o rei Carlos V nas lutas contra a França. Em Castela, Martim casa-se com Dona Ana Pimentel. Em 1525 volta para Portugal, acompanhando a infanta espanhola Dona Catarina, irmã do imperador, que iria se casar com Dom João III.

PRIMEIRA EXPEDIÇÃO COLONIZADORA

Em 1530, para colonizar as terras brasileiras, o rei Dom João III organiza uma expedição e entrega o comando a Martim Afonso de Sousa. Três dias antes de partir para o Brasil, o capitão é nomeado conselheiro da Coroa.

No dia 3 de dezembro de 1530, partia de Lisboa a nau capitânia com Martim Afonso e seu irmão Pero Lopes de Sousa, o galeão São Vicente, a caravela Rosa e a caravela Princesa.

Navegadores, padres, fidalgos, soldados, trabalhadores de diversas profissões formavam o grupo de quatrocentas pessoas que o acompanhou.

A missão de Martim Afonso era colocar os marcos indicativos de posse, doar terra e nomear tabeliães e oficiais de justiça, instalando no Brasil a administração portuguesa.

No Brasil, na costa pernambucana, combateu os franceses que contrabandeavam pau-brasil, tomando-lhes os navios, que foram incorporados à esquadra portuguesa. Em terra encontram o fortim, erguido por Cristóvão Jacques, saqueado.

32 Fonte: https://www.ebiografia.com/martim_afonso_de_sousa/

Na baía de Todos os Santos, encontra o português Diogo Álvares Correia, o Caramuru, vítima de um naufrágio, que estava há 22 anos em terras brasileiras, casado com a índia Paraguaçu, e tinha o respeito e a amizade dos índios da região.

Seguindo para o sul, chegam ao Rio de Janeiro, no dia 30 de abril de 1531. Na região instalam uma oficina e um estaleiro, para reparo e construção de pequenas embarcações.

INSTALAÇÃO DAS PRIMEIRAS POVOAÇÕES BRASILEIRAS

No dia 20 de janeiro de 1532, instalam o primeiro marco real da colonização na capitania de São Vicente. Constroem um forte e com a ajuda de João Ramalho, português casado com uma índia, fixa a primeira povoação permanente.

Fundação de São Vicente - Óleo de Benedito Calixto - Museu Paulista

Subindo a serra, funda uma segunda vila, junto ao rio Piratininga. Aos poucos, Martim Afonso ia cumprindo a importante missão para a qual foi destacado. Porém, as dificuldades financeiras logo foram surgindo. A fracassada procura de ouro e prata estava exigindo um novo caminho para o enriquecimento do Reino. A doação de terras e a agricultura era o caminho que restava.

CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

A doação de terras, feita através da “Carta de Doação e do Foral”, obrigava os beneficiários a demarcar as propriedades e cultivá-las. Essas terras seriam hereditárias e, se não fossem rentáveis num prazo de cinco anos, deveriam ser transferidas para outra família.

Dom João III resolve oficializar e ampliar as doações, dividindo o Brasil em 14 capitanias hereditárias doadas a 12 donatários. Martim Afonso recebe “São Vicente”, posteriormente “Vila de São Paulo” e seu irmão recebe “Sant’Ana”.

A distribuição do restante das terras foi feita entre os anos de 1534 e 1536. A plantação da cana de açúcar foi iniciada em várias capitanias. O açúcar era produto raro na época e de grande aceitação na Europa.

Porém, a dificuldade de mão de obra e a necessidade de grandes recursos para instalação de engenhos fez muitos donatários fracassarem. Apenas duas capitanias prosperaram a de “São Vicente” e a de “Pernambuco”.

A capitania de São Vicente prosperou graças aos esforços de Martim Afonso, João Ramalho e com o auxílio do Reino, a de Pernambuco, prosperou graças ao donatário Duarte Coelho, que logo trouxe a família e grande número de parentes. O cultivo da cana-de-açúcar foi o grande destaque da capitania.

A VOLTA AO REINO

Martim Afonso de Sousa voltou ao Reino e deixou ordens para que executassem obras de fortificação e defendessem a vila do ataque dos índios.

Em meados de 1533, teve atuação importante no combate aos corsários que saqueavam as embarcações portuguesas. Defendeu as feitorias dos ataques dos mouros.

Em 1534 estava mais uma vez navegando pelo Tejo, foi nomeado capitão-mor do mar das Índias. Logo ao chegar, presta ajuda militar ao sultão de Cambaia, [que] em troca, permite a construção de uma fortaleza lusa em Diu. Em seguida, dá proteção ao rei de Cochim, ameaçado pelo rajá de Calicute.

Em 1539 retorna para Portugal. Em 1541 foi nomeado, por Dom João III, “governador das partes das Índias”. Nesse cargo permanece até o ano de 1545.

Em 1557 redige uma relação dos serviços prestados como soldado, esquecendo da sua atuação como administrador. Queixa-se das poucas recompensas e honrarias que recebera nos 41 anos de serviço ao rei. Recebe então, novas terras em Portugal, com alvará de herança para os filhos que teve com Ana Pimentel.

Martim Afonso de Sousa faleceu em Lisboa, Portugal, em 1571. Foi enterrado no Convento de São Francisco.

OLAVO BRÁS MARTINS DOS GUIMARÃES BILAC

Jornalista, contista, cronista e poeta brasileiro, considerado o principal representante do parnasianismo no país. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 15 da instituição, cujo patrono é Gonçalves Dias. Wikipédia

Nascimento: 16 de dez. de 1865 na cidade do Rio de Janeiro
Falecimento: 28 de dez. de 1918, na cidade do Rio de Janeiro
Formação: Faculdade de Direito - Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Rio de Janeiro
Pais: Brás Martins dos Guimarães Bilac e Delfina Belmira dos Guimarães Bilac
Profissões: Jornalista, Contista, Cronista e Poeta
Patrono do Serviço Militar no Brasil

A seguir, vai a transcrição de um artigo da Professora Daniela Diana - Licenciada em Letras (https://www.todamateria.com.br/olavo-bilac/).

OLAVO BILAC

Olavo Bilac foi um autêntico poeta brasileiro, considerado o melhor representante do parnasianismo[33] de nossa literatura e é dele a autoria da letra do Hino à Bandeira.

Escreveu sobre cenas inspiradas na Antiguidade grega e romana, tal como "A Sesta de Nero" e "O Incêndio de Roma", bem como dedicou-se a temas de caráter histórico-nacionalista, como em "O Caçador de Esmeraldas".

Nem sempre manteve-se tipicamente parnasiano. Sendo um dos maiores poetas líricos, as poesias de amor e sensualidade ganham versos vibrantes, plenos de emoção.

Além de poemas líricos, o poeta escreveu crônicas, livros didáticos, textos publicitários e deixou fama como autor humorístico. Sob o disfarce de mais de cinquenta pseudônimos, colaborou intensamente na imprensa da época.

No livro "Alma Inquieta" surgem poemas em que predomina o tom meditativo e melancólico, que também é a tônica de seu livro "Tarde" (1919), no qual é constante a preocupação com a morte e sentido da vida.

Cursou Medicina e Direito, sem ter concluído nenhum dos cursos. Trabalhou como jornalista e inspetor de escola, dedicando boa parte de seu trabalho e de seus escritos à educação.

A primeira obra publicada de Olavo Bilac foi "Poesias" (1888). Nela o poeta já demonstra estar identificado com a proposta do Parnasianismo, como comprova seu poema "Profissão de Fé". A obra alcançou imediato sucesso e logo Bilac foi considerado "O Príncipe dos Poetas Brasileiros".

Olavo Bilac colaborou com vários jornais e revistas, como a Gazeta de Notícias e o Diário de Notícias. Foi secretário do Congresso Pan-Americano em Buenos Aires [-]. Dedicou os últimos anos de sua vida à propaganda do serviço militar obrigatório. Assim, realizou uma série de conferências em várias capitais do país, procurando participar da vida do seu tempo nas campanhas democráticas e civis **[Fim da Transcrição]**.

33 Parnasianismo: "foi um movimento literário que surgiu na França no final do século XIX, tendo como principal bandeira a oposição ao realismo e ao naturalismo, movimentos que ocorriam nesse contexto. No Brasil, esse movimento opunha-se principalmente ao romantismo" [Parnasianismo: contexto, características, autores - Brasil Escola (uol.com.br)].

Foi como poeta que Bilac se imortalizou. Foi eleito *Príncipe dos Poetas Brasileiros* pela revista *Fon-Fon* em 1907 [buscando contar a realidade de sua época, escreveu diversos livros escolares, sendo alguns deles com Coelho Neto[34]]. Juntamente com Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, foi a maior liderança e expressão do Parnasianismo no Brasil, constituindo a chamada *Tríade Parnasiana*. A publicação de *Poesias*, em 1888 rendeu-lhe a consagração. Já no fim de sua vida, em 1917, Bilac recebe o título de professor honorário da Universidade de São Paulo (Fonte: Wikipédia).

34 Coelho Neto (1864-1934): escritor, político e professor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras onde foi o fundador da Cadeira número 2. Foi considerado o "Príncipe dos Prosadores Brasileiros", numa votação realizada em 1928 pela revista O Malho.

RACHEL DE QUEIROZ

Descendente de José de Alencar, foi tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista prolífica e importante dramaturga brasileira. Autora de destaque na ficção social nordestina. Primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977, e a primeira mulher a receber o Prêmio Camões. Ingressou na Academia Cearense de Letras, em 1994, no centenário da instituição.

Nascimento: 17/11/1910, Fortaleza (CE)
Falecimento: 04/11/2003, Leblon, Rio de Janeiro
Pais: Daniel de Queiroz e Clotilde Franklin
Fonte: Wikipédia

BIOGRAFIA[35] (Extrato)

Em 1915, após uma grande seca, [Rachel] muda-se com seus pais para o Rio de Janeiro e logo depois para Belém do Pará, retornando a Fortaleza dois anos depois.

Em 1925, concluiu o [antigo] Curso Normal no Colégio da Imaculada Conceição. Estreou na imprensa no jornal *O Ceará*, após escrever carta ridicularizando o concurso Rainha dos Estudantes, promovido pela publicação. A reação foi tão boa que o diretor do jornal, Júlio Ibiapina, a convidou para colaborar com a publicação. Curiosamente, em 1930, quando lecionava no Colégio Imaculada Conceição, venceu o mesmo concurso, escrevendo crônicas e poemas de caráter modernista sob o pseudônimo de Rita de Queluz. No mesmo ano lançou, sob a forma de folhetim, o seu primeiro romance - *História de um Nome*.

Aos dezenove anos, ficou nacionalmente conhecida ao publicar *O Quinze* (1930), romance que mostra a luta do povo nordestino contra a seca e a miséria. Demonstrando preocupação com questões sociais e hábil análise psicológica de seus personagens, destaca-se no desenvolvimento do romance nordestino. A obra foi escrita quando a autora contraiu uma congestão pulmonar e, com suspeita de tuberculose, foi obrigada a ficar em repouso. Durante esse tempo, escreveu o romance à noite, escondida.

Começa a se interessar em política social em 1928-1929 ao ingressar no que restava do Bloco Operário Camponês em Fortaleza, formando o primeiro núcleo do Partido Comunista Brasileiro. Em 1933, começa a dissentir da direção e se aproxima de Lívio Xavier e de seu grupo em São Paulo, lá indo morar até 1934. Milita então com Aristides Lobo, Plínio Mello, Mário Pedrosa, Lívio Xavier, filiando-se ao sindicato dos professores de ensino livre, controlado naquele tempo pelos trotskistas.

Para fugir da perseguição, por ser esquerdista, muda-se para Maceió em 1935. À época, durante o Estado Novo, viu seus livros serem queimados junto com os de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos sob a acusação de serem subversivos. Em 1939, já escritora consagrada, muda-se para o Rio de Janeiro. No mesmo ano foi agraciada com o Prêmio Felipe d'Oliveira pelo livro *As Três Marias*. Escreveu ainda *João Miguel* (1932), *Caminhos de Pedras* (1937) e *O Galo de Ouro* (1950).

35 Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rachel_de_Queiroz

Aos poucos, foi mudando de posicionamento político. Chegou a ser convidada para ser ministra da Educação por Jânio Quadros. Integrou o Conselho Federal de Cultura e o diretório nacional da ARENA, partido político de sustentação do regime [militar, ao qual apoiou].

Lançou *Dôra, Doralina* em 1975, e depois *Memorial de Maria Moura* (1992), saga de uma cangaceira nordestina adaptada para a televisão em 1994 numa minissérie apresentada pela Rede Globo. A saga foi apresentada em Angola, Bolívia, Canadá, Guatemala, Indonésia, Nicarágua, Panamá, Peru, Venezuela, Uruguai, Portugal, Porto Rico e República Dominicana, sendo lançada em DVD em 2004. Publicou um volume de memórias em 1998. Durante trinta anos escreveu crônicas para a revista semanal O Cruzeiro e com o fim desta para o jornal O Estado de São Paulo. Também se encontra colaboração da sua autoria na revista luso-brasileira *Atlântico.*

Transformou a sua "Fazenda Não Me Deixes", propriedade localizada em Quixadá (CE), em reserva particular do patrimônio natural.

Morreu vítima de problemas cardíacos no Rio de Janeiro, dias antes de completar 93 anos, e foi sepultada no Cemitério São João Batista, sob a rede onde costumava dormir.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)

Rachel foi a primeira mulher a ingressar na ABL. Concorreu com o jurista Pontes de Miranda para a vaga de Cândido Mota Filho, da cadeira 5 da ABL. Venceu o pleito, ocorrido em 4 de agosto de 1977, por 23 votos contra 15 dados ao opositor e um em branco. Foi empossada em 4 de novembro de 1977, recebida por Adonias Filho[36], e foi a quinta ocupante da cadeira 5, cujo patrono é Bernardo Guimarães[37].

36 Wikipédia: Adonias Aguiar Filho (1915 – 1990) foi um integralista, jornalista, crítico literário, ensaísta e romancista brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras. Era considerado o principal crítico literário do Brasil em sua época. Nascido em Itajuípe – Bahia.

37 Wikipédia: Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825 – 1884) foi um romancista e poeta brasileiro, conhecido pelo romance A Escrava Isaura, sendo o patrono da Cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras. Nascido em Ouro Preto - Minas Gerais.

SÍLVIO VASCONCELOS DA SILVEIRA RAMOS ROMERO

Polímata[38] brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Nascimento: 21/04/1851, Lagarto (SE)
Falecimento: 18/07/1914, Rio de Janeiro (RJ)
Formação: Faculdade de Direito do Recife (1868–1873)
Fonte: Wikipédia

BIOGRAFIA[39] (Extrato)

Sílvio Romero foi um crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira. Convidado a comparecer à sessão de instalação da Academia Brasileira de Letras, em 28 de janeiro de 1897, fundou a cadeira nº 17, escolhendo como patrono Hipólito da Costa.

Foram seus pais o comerciante português André Ramos Romero e Maria Joaquina Vasconcelos da Silveira. Na cidade natal iniciou os estudos primários, cursando a escola mista do professor Badu. Em 1863, partiu para a corte, a fim de fazer os preparatórios no Ateneu Fluminense. Em 1868, regressou ao Norte e matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife.

Formou, ao lado de Tobias Barreto (que cursava o 4º. ano quando Sílvio se matriculou no primeiro) e junto com outros moços de então, [fundou] a Escola do Recife, que buscava uma renovação da mentalidade brasileira.

Sílvio Romero foi, no início, positivista. Distinguiu-se, porém, dos que formavam o grupo do Rio, onde Miguel Lemos levava o Comtismo para o terreno religioso. Espírito mais crítico, Sílvio se afastaria das ideias de Comte para se aproximar da filosofia evolucionista de Herbert Spencer, na busca de métodos objetivos de análise crítica e apreciação do texto literário.

Estava no 2º ano de Direito quando começou sua atuação jornalística na imprensa pernambucana, publicando a monografia "A poesia contemporânea e a sua intuição naturalista". Desde então, manteve a colaboração, ora como ensaísta e crítico, ora como poeta, nas folhas recifenses, entre elas *A Crença*, que ele próprio dirigia juntamente com Celso de Magalhães, o *Americano*, o *Correio de Pernambucano*, o *Diário de Pernambuco*, o *Movimento*, o *Jornal do Recife*, *A República* e *O Liberal*.

Assim que se formou, exerceu a promotoria em Estância. Atraído pela política, elegeu-se deputado à Assembleia Provincial de Sergipe, em 1874, mas renunciou, logo depois, à cadeira. Regressou ao Recife para tentar fazer-se professor de Filosofia no Colégio das Artes. Realizou-se o concurso no ano seguinte e ele foi classificado em primeiro lugar, mas a Congregação resolveu anular o concurso.

38 **Wikipédia: pessoa cujo conhecimento não está restrito a uma única área.** Em termos menos formais, um polímata pode referir-se simplesmente a alguém que detém um grande conhecimento em diversos assuntos.
39 ABL: https://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia

A seguir, defendeu tese para conquistar o grau de doutor. Nesse concurso Sílvio Romero se ergueu contra a Congregação da Faculdade de Direito do Recife, afirmando que "a metafísica estava morta" e discutindo, com grande vantagem, com professores como Tavares Belfort e Coelho Rodrigues. Abandonou a sala da Faculdade e foi então submetido a processo pela Congregação, atraindo para si a atenção dos intelectuais da época.

Em fins de 1875, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Foi para Paraty, como juiz municipal, e ali demorou-se dois anos e meio. Em 1878, publicou o livro de versos *Cantos do fim do século*, mal recebido pela crítica da Corte. Depois de publicar *Últimos harpejos*, em 1883, abandonou as tentativas poéticas. Já fixado no Rio de Janeiro, começou a colaborar em *O Repórter*, de Lopes Trovão. Ali publicou a sua famosa série de perfis políticos. Em 1880 prestou concurso para a cadeira de Filosofia no Colégio Pedro II, conseguindo-a com a tese "Interpretação filosófica dos fatos históricos". Jubilou-se como professor do Internato em 2 de junho de 1910. Fez parte também do corpo docente da Faculdade Livre de Direito e da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro.

No governo de Campos Sales, foi deputado provincial e depois federal pelo Estado de Sergipe. Nesse último mandato, foi escolhido relator da Comissão dos 21 do Código Civil e defendeu, então, muitas de suas ideias filosóficas.

Na imprensa do Rio de Janeiro tornou-se literariamente poderoso. Admirador incondicional de Tobias Barreto, nunca deixou de colocá-lo acima de Castro Alves; além disso, manteve, durante algum tempo, uma grande má-vontade para com a obra de Machado de Assis, contra o qual chegou a produzir ataques de impressionante baixeza. Sua crítica injusta motivou Lafayette Rodrigues Pereira a escrever a defesa de Machado de Assis, sob o título *Vindiciae*. Como polemista deve-se mencionar ainda a sua permanente luta com José Veríssimo, de quem o separavam fortes divergências de doutrina, método, temperamento, e com quem discutiu violentamente. Nesse âmbito, reuniu as suas polêmicas na obra *Zeverissimações ineptas da crítica* (1909).

Sílvio Romero foi um pesquisador bibliográfico sério e minucioso. Preocupou-se, sobretudo, com o levantamento sociológico em torno de autor e obra. Sua força estava nas ideias de âmbito geral e no profundo sentido de brasilidade que imprimia em tudo que escrevia. A sua contribuição à historiografia literária brasileira é uma das mais importantes de seu tempo. Inepto para a apreensão estética da arte literária, limitou-a a seus aspectos sociológicos, no que, a bem da verdade, fez escola no Brasil. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e de diversas outras associações literárias.

TOBIAS BARRETO DE MENEZES

Tobias Barreto de Meneses foi um filósofo, poeta, crítico e jurista e fervoroso integrante da Escola do Recife, um movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu. Foi o fundador do condoreirismo brasileiro.

Nascimento: 07/06/1839, Tobias Barreto (SE)
Falecimento: 26/06/1889, Recife (PE)
Formação: Faculdade de Direito do Recife (1864-1869)
Escola/tradição: Romantismo/Condoreirismo (3º fase romântica)
Fonte: Wikipédia

TOBIAS BARRETO DE MENESES (WIKIPÉDIA)[40] (Extrato)

Nasceu na Vila de Campos do Rio Real, hoje Tobias Barreto em Sergipe, foi filósofo, poeta, crítico e jurista, um fervoroso integrante da Escola do Recife, movimento filosófico de grande força, calcado no monismo[41] e evolucionismo europeu. Foi o fundador do condoreirismo[42] brasileiro e, com apoio de Silvio Romero, designado Patrono da cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras.

GERMANISMO

Influenciado pelo espiritualismo francês, passa para o naturalismo de Haeckel e Noiré em 1869, com o artigo *Sobre a religião natural de Jules Simon*. Em 1870, passa a defender o germanismo contra o predomínio da cultura francesa no Brasil. Nessa época, influenciado pelos alemães, começa a estudar a língua alemã e alguns de seus autores, com o objetivo de reformar as ideias filosóficas, políticas e literárias. Sua biblioteca tinha 437 livros, sendo 102 alemães e, após sua morte, foi comprada pelo governo de Pernambuco que as encaminhou para Faculdade de Direito do Recife.

Fundou na cidade de Escada, próxima ao Recife, onde morou por 10 anos, o periódico *Deutscher Kämpfer* (em português, *Lutador Alemão*) que teve pouca repercussão e curta existência.

Tobias Barreto escreveu ainda *Estudos Alemães*, importante trabalho para a difusão da germanística, mas que foi duramente criticado, por se tratar apenas, segundo alguns, de uma paráfrase de autores alemães.

40 https://pt.wikipedia.org/wiki/Tobias_Barreto (adaptações pela organização deste E-Book).

41 Monismo é uma visão metafísica e teológica de que tudo é um, que não há divisões fundamentais e que um conjunto unificado de leis está por trás de toda a natureza. [-] se coloca em contraste com o Dualismo, que afirma existirem dois tipos de substância, e do Pluralismo, que afirma existirem muitos tipos de substância. [-] o Dualismo distingue entre corpo e alma, matéria e espírito, objeto e sujeito, matéria e força, o Monismo nega tal distinção ou funde ambos em uma unidade superior (https://guiadafilosofia.com.br/introducao-ao-monismo/)

42 Condoreirismo (ou condorismo) é parte de uma escola literária da poesia brasileira, a terceira fase romântica, marcada pela temática social e a defesa de ideias igualitárias. As décadas de 1860 e 1870 representam para a poesia brasileira um período de transição. Ao mesmo tempo em que muitos procedimentos da primeira e da segunda geração são mantidos, novidades de forma e de conteúdo dão origem à terceira geração da poesia romântica, mais voltada para os problemas sociais e com uma nova forma de tratar o tema amoroso. [-] comprometidos com a causa abolicionista e republicana. Em geral são poemas de tom grandiloquente, próximos da oratória, cuja finalidade é convencer o leitor-ouvinte e conquistá-lo para a causa defendida. [-] Castro Alves é considerado a principal expressão condoreira da poesia brasileira. O símbolo do movimento era o condor (https://pt.wikipedia.org/wiki/Condoreirismo)

ATUAÇÃO POLÍTICA

Em 1869, antes de concluir a Faculdade de Direito, casou-se com Grata Mafalda dos Santos, filha do Coronel João Félix dos Santos - Senhor de Engenho em Escada, interior de Pernambuco. A partir de 1871, passa a residir e advogar em Escada (comarca judicial de Escada criada em 1874). Presidiu a Junta Paroquial e foi Fundador do "Clube Popular Escadense".

Foi eleito para a Assembleia Provincial, mas não progrediu na política partidária local. Porém, foi uma importante voz liberal contra a escravatura.

DOCÊNCIA E VIDA ACADÊMICA

No início de sua vida profissional, Tobias ministrou aulas particulares e realizou dois concursos para ensinar no Ginásio Pernambucano. Na primeira vez, para ensinar Latim, ficou em segundo lugar. Anos depois, em 1867, concorreu e se classificou em primeiro lugar para a vaga de professor de Filosofia no mesmo Ginásio, mas não chegou a ser escolhido em prestígio ao candidato José Soriano de Souza (irmão do Professor Brás Florentino de Sousa, da Faculdade de Direito do Recife - mesma Instituição onde José Soriano também se tornaria Professor Catedrático mais tarde). Tobias era mestiço e acreditava ser discriminado.

Em 1882, foi aprovado em primeiro lugar no concurso para Professor (Lente Substituto) na Faculdade de Direito do Recife. A decisão pela sua nomeação poderia ter sido vetada pelo Imperador D. Pedro II. Embora Tobias fosse um árduo opositor do Império até 1882 (com críticas satíricas pessoais ao Chefe de Estado), o Imperador o nomeou para o cargo. Após tomar posse, Tobias Barreto deixou de publicar textos contrários à figura do Imperador.

Seu nome consta da lista de colaboradores da *Revista de Estudos Livres* (1883-1886). Segundo Clóvis Beviláqua, apesar de ocupar a Cátedra de Teoria e Prática do Processo na Faculdade de Direito do Recife, o final de sua vida foi marcado por dificuldades econômicas e financeiras.

Em 2019, seu nome foi inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

Obras completas publicadas pelo Instituto Nacional do Livro:

FILOSOFIA

Ensaios e estudos de filosofia e crítica (1875); *Brasilien, wie es ist* (1876); *Ensaio de pré-história da literatura alemã*, *Filosofia e crítica*, *Estudos alemães* (1879); *Dias e Noites* (1881); *Menores e loucos* (1884); *Discursos* (1887); e *Polêmicas* (1901).

POESIA

Que Mimo (1874); *O Gênio da Humanidade* (1866); *A Escravidão* (1868); *Amar* (1866); e *Glosa* (1864).

ZILDA ARNS NEUMANN

Médica, pediatra e sanitarista brasileira. Irmã de Dom Paulo Evaristo Arns, foi também fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa, organismos de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Nascimento: 25/08/1934 em Forquilhinha (SC)
Falecimento: 12/01/2010 em Porto Príncipe - Haiti
Pais: Gabriel Arns e Helena Steiner
Formação: Universidade Federal do Paraná
Fonte: Wikipédia

BIOGRAFIA[43] (Extrato)

Recebeu diversas menções especiais e títulos de cidadã honorária no país. Da mesma forma, à Pastoral da Criança foram concedidos diversos prêmios pelo trabalho que vem sendo desenvolvido desde a sua fundação. Em 2012, numa seleção por um formato internacional, foi eleita a 17° maior brasileira de todos os tempos. Em janeiro de 2015, foi iniciado o processo de beatificação de Zilda Arns, em reconhecimento de suas obras caritativas.

Em 1953, começou a estudar medicina, na UFPR [-] No mesmo ano que entrou na faculdade, começou a cuidar de crianças menores de um ano. Na época, Zilda se impressionou com a grande quantidade de crianças internadas com doenças de fácil prevenção como diarreia e desidratação. Em 26 de dezembro de 1959, casou-se com Aloísio Bruno Neumann (1931-1978), com quem teve seis filhos. Zilda Arns era avó de dez netos.

Formou-se em 1959 e se aprofundou em saúde pública, pediatria e sanitarismo, visando a salvar crianças pobres da mortalidade infantil, desnutrição e violência em seu contexto familiar e comunitário.

Compreendendo que a educação revelou-se a melhor forma de combater a maior parte das doenças de fácil prevenção e a marginalidade das crianças, para otimizar sua ação, desenvolveu metodologia própria de multiplicação do conhecimento e de solidariedade entre famílias mais pobres, baseando-se no milagre bíblico da multiplicação dos dois peixes e cinco pães que saciaram cinco mil pessoas, como no Evangelho de São João (Jo 6,1-15).

Por sua experiência, em 1980, foi convidada pelo Governo do Estado do Paraná a coordenar a campanha de vacinação Sabin, para combater a primeira epidemia de poliomielite, que começara em União da Vitória, criando um método próprio, depois adotado pelo Ministério da Saúde. No mesmo ano, foi também convidada a dirigir o Departamento Materno-Infantil da Secretaria da Saúde do mesmo Estado, quando então instituiu, com extraordinário sucesso, os programas de planejamento familiar, prevenção do câncer ginecológico, saúde escolar e aleitamento materno.

Em 1983, a pedido da CNBB, criou a Pastoral da Criança juntamente com o presidente da CNBB, dom Geraldo Majella, e o Cardeal Agnelo, Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil que, à época, era Arcebispo de Londrina. No mesmo ano, deu início à experiência a partir de um projeto-piloto em Florestópolis. Após 25 anos, a pastoral acompanhou 1.816.261 crianças menores de seis

43 Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zilda_Arns

anos e 1.407.743 de famílias pobres em 4.060 municípios brasileiros. Neste período, mais de 261.962 voluntários levaram solidariedade e conhecimento sobre saúde, nutrição, educação e cidadania para as comunidades mais pobres, criando condições para que elas se tornassem protagonistas de sua própria transformação social.

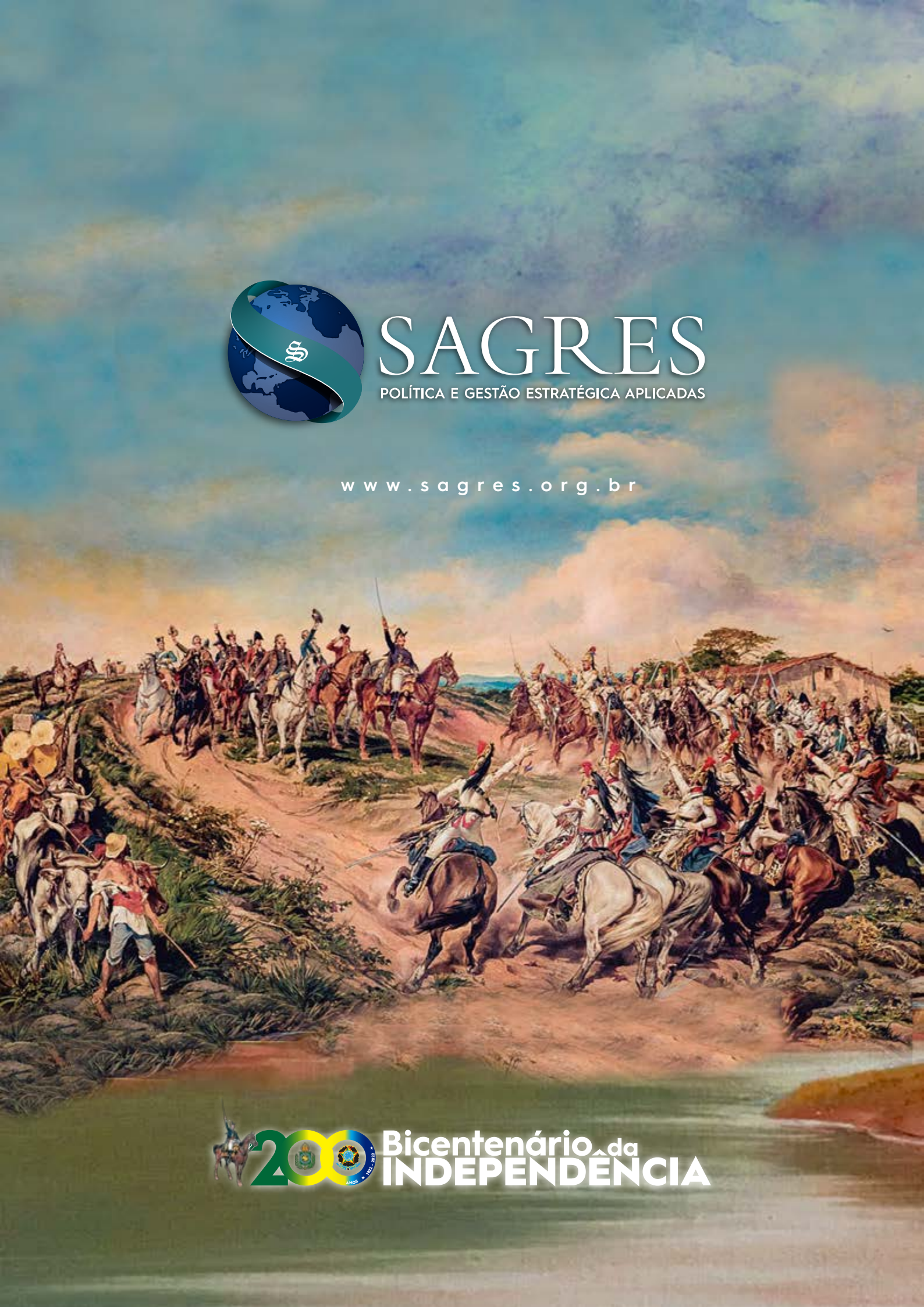
Para multiplicar o saber e a solidariedade, foram criados três instrumentos, utilizados a cada mês: Visita domiciliar às famílias; Dia do Peso, também chamado de Dia da Celebração da Vida; e Reunião Mensal para Avaliação e Reflexão.

Em 2004 recebeu da CNBB outra missão semelhante: fundar e coordenar a Pastoral da Pessoa Idosa. Atualmente mais de 100 mil idosos são acompanhados mensalmente por 12 mil voluntários de 579 municípios de 141 dioceses de 25 estados brasileiros.

Dividia seu tempo entre os compromissos como coordenadora nacional da Pastoral da Pessoa Idosa e coordenadora internacional da Pastoral da Criança, de participante do Conselho Nacional de Saúde como representante titular da CNBB e, também, como membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES). Foi eleita membro honorário da Academia Nacional de Medicina em 2007.

Zilda Arns encontrava-se em Porto Príncipe (Haiti), em missão humanitária, para introduzir a Pastoral da Criança no país. No dia 12 de janeiro de 2010, pouco depois de proferir uma palestra para religiosos de Cuba, o país foi atingido por um violento terremoto. A Dra. Zilda foi uma das vítimas da catástrofe. Naquele momento estava discursando e, quando as paredes da igreja desabaram, a médica estava no último parágrafo do discurso, que não chegou a terminar. Falava da importância de cuidar das crianças *"como um bem sagrado"*, promovendo o respeito a seus direitos e protegendo-os, *"tal qual os pássaros, que cuidam de seus filhos ao fazer um ninho no alto das árvores e nas montanhas, longe de predadores, ameaças e perigos, e mais perto de Deus, devemos cuidar de nossos filhos como um bem sagrado, promover o respeito a seus direitos e protegê-los* (Dra Zilda Arns)[44].

44 **Prêmios e honrarias** - destacam-se: "Heroína da Saúde Pública das Américas", pela Organização Pan-Americana de Saúde em 2002; Indicada postumamente ao Prêmio Nobel da Paz em 2011; Ordem do Mérito Médico, na classe Comendador, concedida pelo Ministério da Saúde em 2002; Ordem do Rio Branco, pela Presidência da República em 2001; Prêmio de Direitos Humanos *2000* da Associação das Nações Unidas – Brasil, em 2000.


SAGRES
POLÍTICA E GESTÃO ESTRATÉGICA APLICADAS
www.sagres.org.br
Bicentenário da INDEPENDÊNCIA